

MINISTÉRIO DA SAÚDE

Agência nacional de Vigilância Sanitária

RELATÓRIO DA PESQUISA SOBRE A
PERCEPÇÃO DE USUÁRIOS DE DISPOSITIVOS
ELETRÔNICOS PARA FUMAR

Rio de Janeiro, RJ

2022

Projeto encomendado pela Organização Pan-Americana de Saúde, como subsídio para a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), no processo Análise de Impacto Regulatório (AIR) dos DEFs (2022)

Equipe Responsável:

Dr. Maribel Carvalho Suarez – COPPEAD/UFRJ (coordenação)

Ms. Cristina de Abreu Perez – Doutoranda ENSP/FIOCRUZ (coordenação)

Dr. Thaysa Nascimento - COPPEAD/UFRJ

Ms. Karina Prince – Humanitá Pesquisa

Luiza Novais - COPPEAD/UFRJ

Sumário

I INTRODUÇÃO	4
II BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA	6
MÉTODO DA PESQUISA.....	10
Uso do grupo de foco	10
Organização dos Grupos	11
Número e perfil dos entrevistados	11
Localidades estudadas	12
Classe social.....	12
Análise dos Dados	12
III RESULTADOS	15
I Motivações Para Adoção.....	15
DEFs como uma faxina simbólica no tabagismo	18
II Percepção de riscos associados à categoria.....	19
A redução da percepção de riscos para a saúde	20
A redução da percepção de riscos sociais.....	22
Outros pontos apontados como vantagens dos DEFs.....	24
III Práticas de Consumo	24
A dificuldade de mensurar o consumo e avaliar o que seria o consumo excessivo	25
Mecanismos de <i>flow</i> do consumo de DEFs.....	29
Locais de Consumo dos DEFs	34
A compra dos DEFs.....	39
IV A importância da internet e das mídias sociais para a introdução dos Defs	42
Mecanismo de Busca por Informações	42
Espaço de Disseminação de Fake News sobre os DEFs.....	46
Informação, Referência e Influência	47
Espaço de Comercialização	49
Ferramenta de Descoberta da Categoria	52
Espaço de Socialização da Comunidade DEFs	52
V Percepção dos informantes sobre as questões regulatórias.....	54
Especulações sobre o impacto da legalização da venda dos DEFs.....	60
IV Considerações finais.....	64

I INTRODUÇÃO

Apesar do avanço de políticas de controle do tabaco nas últimas décadas, o consumo de cigarro ainda se configura como grave problema de saúde pública, sendo responsável pela morte de aproximadamente 8 milhões de pessoas no mundo por ano. No Brasil, conforme dados da PNS 2019, o número de fumantes com 18 anos ou mais é de cerca de 13%.

Nos últimos anos, a indústria do tabaco apresenta os dispositivos eletrônicos para fumar (DEFs) como alternativas com “potencial de risco reduzido” (PMI, 2019), úteis para a redução e cessação do consumo de cigarros e como uma maneira de contornar as leis antitabagistas, permitindo que usuários “fumem em qualquer lugar” (GRANA et. al, 2014). Entretanto, a OMS não recomenda tais produtos para o tratamento do tabagismo, assim como o *Surgeon General*, que aponta não haver evidências suficientes para afirmar que tais produtos sejam úteis para a cessação do tabagismo. Um relatório da *Tobacco Free Kids* (TFK), organização Americana de combate ao tabagismo, também reúne evidências de uso dual (cigarro eletrônico e cigarro convencional) e de falta de comprovação de que tais produtos sejam úteis ao tratamento do tabagismo.

Com relação aos riscos de exposição às emissões dos DEF, o Relatório OMS – FCTC/COP/7/11 relata evidências de impacto e potencial de causar riscos à saúde. Há a contaminação do ar por partículas (finas e ultrafinas), nicotina, metais pesados, compostos orgânicos voláteis, 1-2 propanediol (ver IARC), dentre outras. Os níveis de metais pesados (p. ex. níquel e cromo) são mais altos nos aerossóis dos DEF que na fumaça dos produtos convencionais. Níveis de nicotina, acetaldeído e formaldeído também são mais elevados no ambiente. A magnitude dos riscos à saúde ainda é desconhecida.

A ANVISA, que é o órgão regulatório responsável pelo controle e fiscalização dos produtos fumígenos derivados ou não do tabaco no Brasil, proibiu através da RDC nº 46, de 28 de agosto de 2009 a comercialização, importação e propaganda dos DEF, com base no princípio da precaução, devido à inexistência de dados científicos que comprovassem as alegações atribuídas a esses produtos.

Apesar da proibição de comercialização no mercado brasileiro, os DEFs podem ser encontrados no comércio em mercados eletrônicos, tabacarias e lojas de importados (ALVES; CANCIAN; BATISTA, 2018).

Em junho de 2019, a Anvisa publicou o Termo de Abertura do Processo Administrativo de Regulação (TAP) nº 22, relacionado aos DEFs, uma vez que o tema está inserido no item 11.3 da Agenda Regulatória 2017/2020 e a realização de um estudo qualitativo na fase de Avaliação de Impacto Regulatório (AIR), ex-ante, está em consonância com as Boas Práticas Regulatórias da Anvisa e é previsto no Guia de Análise de Impacto Regulatório nº 17/2019 (versão2). Este documento recomenda a realização de grupos focais quando for necessário avaliar as atitudes e comportamentos de agentes afetados pelo problema regulatório.

Diante do exposto, a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) encomendou o presente estudo, com o objetivo de conhecer os impactos dos DEFs em grupos de diferentes faixas etárias, fornecendo subsídios para que sejam tomadas as melhores decisões no âmbito do processo regulatório em curso, com vistas a proteger a saúde da população.

A presente pesquisa teve por objetivo mapear a percepção dos consumidores jovens adultos e adultos sobre os DEFs, explorando motivações para a adoção, os riscos associados à categoria e as práticas de consumo. O trabalho adotou a metodologia de pesquisa qualitativa, baseada em grupo focal, em 5 capitais de diferentes regiões do país, com 2 grupos em cada, sendo um grupo com jovens adultos de 18 a 28 anos e o segundo com adultos de 29 ou mais, ambos usuários de DEFs. A pesquisa contou com 60 informantes, todos pertencentes às classes A e B1, segundo o Critério de Classificação Econômica Brasil.

O presente relatório descreve as escolhas metodológicas e cinco temas essenciais analisados a partir do trabalho de campo.

II BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA

Apesar de ter sua comercialização proibida no Brasil, os DEFs têm defensores e o principal argumento é o menor risco em relação à saúde em comparação com o cigarro tradicional (Rubinstein & Leão, 2021). A comparação entre cigarro eletrônico e cigarro tradicional também é bastante presente na literatura pautada em tópicos como percepção de risco (Strombotne et al., 2021), padrão de consumo (Donaldson et al., 2021) e experiência com o produto (Yang et al., 2021). Cigarros eletrônicos aparentam ter características de design que em certa medida se assemelham esteticamente ao cigarro convencional. Tais características podem, contudo, ter apenas uma função estética (Marković, 2021).

Defensores dos DEFs também argumentam que esses dispositivos podem aumentar a cessação do tabagismo e reduzir os danos do tabaco fumado. Ao contrário de outras terapias para cessação do tabagismo, o uso de DEFs tem o potencial de imitar o valor das práticas de fumantes apoiando a criação de rituais personalizados. Apesar disso, a transição do tabagismo para a vaporização ainda não foi feita de forma completa por fumantes. Esses são considerados, então, consumidores duais (Antin et al., 2019; Robertson et al., 2019). O uso dual aparece na literatura sendo percebido pelo consumidor como uma forma de reduzir os danos causados pelo consumo do cigarro tradicional a curto prazo e também como meio facilitador para abandono dessa categoria a longo prazo (Antin et al., 2019).

Marković (2021) aponta características de design do cigarro eletrônico que poderiam afetar as percepções dos consumidores. Primeiramente, há a questão da interação com a tecnologia em pontos de design, ergonomia, aparência e tamanho. Sabor é outro ponto importante, com os cigarros eletrônicos contendo soluções com ou sem nicotina, com aromatizantes geralmente de tabaco ou mentol. Além disso, parece haver certa permissividade social em termos espaço-temporal diferentemente do que aparentemente acontece com o cigarro tradicional.

Apesar da semelhança com o cigarro tradicional, os dispositivos eletrônicos para fumar parecem ocupar um espaço ambíguo entre continuar fumando ou abandonar o tabagismo (Rooke et al., 2016). Consumidores percebem os DEFs como sendo uma opção para parar de fumar com menos efeitos colaterais do que outras alternativas,

como o adesivo de nicotina. Além disso, os DEFs ainda oferecem a possibilidade dos consumidores se desvincularem dos estigmas sociais atribuídos ao cigarro. No entanto, consumidores percebem negativamente os DEFs em termos de aspectos como tempo de duração de bateria, necessidade de manutenção, e incerteza com relação aos danos à saúde (Simmons et al., 2016).

Um dos primeiros estudos encontrados sobre o cigarro eletrônico apontava que grande parte de seus participantes afirmou ter reduzido substancialmente o consumo do cigarro tradicional (Dawkins et al., 2013). Recentemente, a pesquisa de Masson et al. (2021) mostrou que mais da metade dos participantes já havia utilizado o cigarro eletrônico como alternativa para abandono do tabagismo, sendo que os mais jovens eram os mais receptivos a essa opção. No entanto, Robertson et al. (2019) chama atenção para o fato de que os participantes de sua pesquisa alegaram ter modificado o objetivo de uso dos DEFs ao longo do processo. Muitos deles ficaram satisfeitos apenas com a redução do consumo do cigarro convencional, não conseguindo realizar o abandono total. Por outro lado, nenhum dos participantes do estudo de McKeganey et al. (2018) sentiu que o uso do cigarro eletrônico aumentou a propensão ao consumo do cigarro tradicional.

Em se tratando da iniciação no consumo dos DEFs, o estudo de Wadsworth et al. (2016) percebeu que esse movimento foi influenciado e facilitado por aspectos como capacidade individual (habilidades e conhecimento), oportunidade de acesso (locais e situações sociais que estimulam o uso), e motivação (sentimentos, impulso e tomada de decisão consciente). McKeganey et al. (2018) destacam o papel dos amigos na experimentação. Essas figuras presentes no círculo pessoal próximo dos consumidores, ofertam seus equipamentos o que acaba despertando a curiosidade nos possíveis novos usuários.

Para além da iniciação, a continuidade do consumo dos DEFs foi atribuída a fatores como percepção de menores danos à saúde em comparação com o cigarro convencional, disponibilidade de enorme variedade de sabores, ausência de cheiro considerado desagradável na vaporização ao contrário do que acontece com o cigarro tradicional, sensação de diversão no momento da criação da fumaça, maior variedade de locais onde é permitido o uso dos DEFs ao contrário da permissão para fumantes do

cigarro convencional, e o baixo estigma social atrelado à categoria dos DEFs em comparação com o estigma já comumente enfrentado por fumantes tradicionais (McKeganey et al., 2018).

A questão da grande variedade de sabores disponibilizados para uso nos DEFs apareceu constantemente como importante fator para escolha do consumidor por essa categoria de consumo (Camenga et al., 2018; Strombotne et al., 2021; Yang et al., 2021). Consumidores recordam facilmente dos sabores experimentados, demonstram grande conhecimento acerca da variedade disponível e consideram o sabor como um dos aspectos mais presentes na propaganda de DEFs (Camenga et al., 2018). Yang et al. (2021) aponta que pode haver uma relação entre o sabor usado e o consumo dual ou não de cigarro convencional com DEFs. Na visão de consumidores jovens, sabores frutados e mentolados trariam menos riscos à saúde do que sabores relacionados à álcool e tabaco (Strombotne et al., 2021). Sendo assim, Strombotne et al. (2021) consideram que há relação direta entre percepção de sabores e percepção de riscos à saúde relacionados ao consumo de DEFs.

Dentro do grupo dos dispositivos eletrônicos para fumar, o tabaco aquecido, que tem a marca IQOS como um dos expoentes, apresenta certo destaque na literatura. IQOS é o produto de tabaco aquecido da empresa tabagista Phillip Morris que foi lançado em 2014 (Tompkins et al., 2021). Alguns dos fatores que influenciam o início do consumo de cigarros eletrônicos também aparecem no caso do IQOS, como a questão da redução de danos. No entanto, aspectos relacionados à experiência prática com o produto desencorajaram o uso por parte dos consumidores, conforme demonstram Tompkins et al. (2021).

Na visão de Hair et al. (2018) a percepção dos consumidores acerca do IQOS está diretamente relacionada à cultura onde essa prática de consumo está inserida. No caso de culturas que valorizam aspectos como limpeza, exclusividade e alta tecnologia, o IQOS parece ser bastante atrativo. Por outro lado, em culturas que enxergam o tabaco como associado à liberdade e individualismo, o IQOS se torna um produto incômodo por conta do gasto, alta manutenção e cheiro desconhecido.

Em geral, estudos sobre DEFs tendem a não considerar os contextos socioculturais onde essa prática de consumo está inserida. Além disso, tendem a examinar preferências individuais dos consumidores dentro de uma limitada noção de experiência (Marković, 2021). Podem ser mencionadas como as dimensões mais frequentemente estudadas quando falamos dos dispositivos eletrônicos para fumar: nível de conhecimento por parte dos consumidores (Collins et al., 2019), percepção de risco (Strombotne et al., 2021), prática de consumo (Donaldson et al., 2021), experimentação (Yang et al., 2021) e exposição ao produto e ao consumo (Kasson et al., 2021). Ademais, aspectos como sabor, gasto financeiro para consumo e relação com o espaço onde se consome o cigarro eletrônico parecem ser aspectos que influenciam a experiência do consumidor (Lucherini et al., 2018).

MÉTODO DA PESQUISA

De maneira geral, a pesquisa qualitativa deve ser usada sempre que for importante ver uma questão ou situação através dos olhos do consumidor, utilizando os construtos ou a linguagem do mesmo (Goodyear, 1998). A pesquisa qualitativa é particularmente relevante para se entender novos contextos de mercado, no lançamento e adoção de categorias e produtos. No contexto atual dos dispositivos eletrônicos para fumar, a pesquisa qualitativa pode ajudar a identificar os discursos culturais em torno dessa nova categoria. A pesquisa qualitativa permite ainda revelar experiências variadas dos indivíduos na interação com os consumos e suas práticas, revelando significados e lógicas que contribuem para explicar a adesão ou a rejeição de novos produtos.

A pesquisa qualitativa tem como propósito responder perguntas como “por que?” e “como?”, aprofundando o entendimento em torno de significados e lógicas do comportamento social, assegurando a produção de informações significativas, ainda que não busque a generalização estatística. Essa abordagem amplia o entendimento holístico do fenômeno estudado, evidenciando características culturais, sociais, institucionais, temporais e pessoais ou interpessoais do contexto no qual os dados são coletados. A pesquisa qualitativa busca observar e interagir com as pessoas de forma mais próxima a situações cotidianas, sendo capaz de capturar percepções, discursos e opiniões, como elas ocorrem. A partir das técnicas de coleta de dados e da análise sistemática, investigadores qualitativos são capazes de revelar aspectos que os consumidores em si não são capazes de articular. (Belk, Fischer e Kozinets, 2013).

Uso do grupo de foco

Os grupos focais são um método de pesquisa amplamente utilizado em diversos campos, como administração, educação, saúde, dentre outros. Definido como "um tipo de discussão em grupo sobre um tópico sob a orientação de um moderador de grupo treinado" (Stewart 2018: p. 687), o grupo focal é particularmente relevante para captar a conversa e a negociação de comportamentos sociais nos quais os indivíduos se engajam. Grupos de foco também são importantes para inventariar vários pontos de vista, já que permite a diferenciação dos participantes, a partir do estímulo de

confrontação de visões e opiniões. O diálogo e a interação que ocorre dentro do grupo permite assim captar a forma como o significado é negociado e coproduzido no contexto do grupo. Na presente pesquisa, o grupo de foco permite compreender como a nova categoria dos DEFs tem sido percebida pelos atuais usuários, evidenciando suas motivações para a adoção, práticas e riscos associados ao consumo.

Organização dos Grupos

Os grupos foram conduzidos por uma moderadora, através da plataforma Zoom e tiveram como fio condutor um roteiro semi-estruturado composto por introdução, apresentação dos participantes, recordação espontânea sobre significados e associações aos DEFs, seguida pelas perguntas sobre motivações iniciais e iniciação no consumo, as práticas de consumo e as percepções de risco relacionadas aos DEFs.

Número e perfil dos entrevistados

O número de participantes é relevante para o desenvolvimento do grupo focal. Os grupos interativos, em que os respondentes conversam entre si e têm mais 'tempo em cena' do que o pesquisador, funcionam melhor com menos participantes. Quando realizado no contexto das plataformas online, como aconteceu na presente pesquisa, recomenda-se o número padrão de cerca de seis participantes (Murgado-Armenteros et al, 2012), para que aconteça um intercâmbio razoável de informações. Destaca-se que esse número também é recomendado nas pesquisas presenciais para temas específicos, onde as pessoas têm muito a dizer, gerando interações mais produtivas e aprofundadas (Goodyear, 1998).

Nesse trabalho foram investigados dois grupos distintos: jovens adultos (18 a 28 anos) e adultos (acima de 29 anos), usuários de DEF (cigarros eletrônicos com refis líquidos e/ou cigarro de tabaco aquecido).

Foram realizados no total 10 grupos focais, com 6 participantes em cada grupo e em 5 capitais de diferentes regiões do país (2 segmentos/grupos em cada capital), totalizando 60 participantes com o objetivo de desenvolver sensibilidade em relação às diferenças regionais em torno do tema. Tendo em vista o fato de que a iniciação do tabagismo ocorre no período da adolescência e início da vida adulta, nos grupos de focos

foram detalhadas as nuances relativas ao grupo de jovens adultos, buscando-se entender a atratividade, percepção de risco e práticas de consumo frente aos DEFs nestas faixas etárias. Com relação ao grupo adulto, também foram avaliadas as crenças e o que os levou a utilizarem tais produtos.

Localidades estudadas

Os grupos focais foram realizados em cinco capitais das cinco regiões brasileiras, São Paulo, Curitiba, Campo Grande, Teresina e Porto Velho, por se constituírem como capitais com as maiores prevalências de uso de dispositivos eletrônicos para fumar (IBGE, 2019). Essa distribuição considera tanto a intenção de se estudar realidades culturais, sociais e econômicas diferentes, como também possíveis diferentes estratégias da indústria em diversas localidades.

Foram considerados usuários de DEFs todo indivíduo que usa, independentemente da frequência e intensidade.

Classe social

Quanto à classe social, tendo em vista que os dispositivos eletrônicos para fumar são equipamentos de alto custo, entrevistamos população das classes A e B1, segundo o Critério de Classificação Econômica Brasil.

Análise dos Dados

Todos os grupos de foco foram gravados e transcritos, por profissional especializado.

A análise dos dados transcritos se operacionalizou a partir do processo de sumários e codificação. O processo de sumarizar representa a primeira interação com os dados, a partir da chamada leitura “flutuante” (Miles et al, 2013). Nessa tarefa, além de aspectos gerais e de maior relevância, são destacados os grandes blocos de temas e objetivos relacionados no roteiro de entrevista. Os sumários são importantes para registrar o contexto e os principais pontos abordados em cada grupo, registrando os elementos de contorno que embasaram cada discussão.

Uma segunda camada de análise exige um exercício mais denso e aprofundado, a partir do trabalho sistemático de criação de rótulos nas diversas unidades ou blocos

de textos já destacados, processo de análise chamado de codificação (Saldana, 2009). Tais códigos estão sendo criados pelos analistas no processo de interação com as entrevistas. A partir do trabalho de reconhecer, refinar, sintetizar e elaborar padrões e temas das conversas se torna possível a tarefa de codificação.

Codificar, portanto, envolve rotular de maneira sistemática temas e eventos para que esses possam ser rapidamente acessados e examinados de forma comparativa entre as diversas falas dos entrevistados e, de forma contextual, dos diferentes grupos de focos. Essa comparação permite evidenciar nuances, pequenas diferenças na forma como os comportamentos são apresentados ou ainda como diferentes informantes atribuem significados diversos para um mesmo evento, permitindo a distinção entre grupos de entrevistados.

No processo de análise foram utilizadas três estratégias de codificação para extrapolar temas dos informantes e dos grupos de foco: (1) codificação aberta, que é o processo de examinar, comparar e categorizar dados; (2) codificação axial, que diz respeito ao processo de arranjar um significado mais abstrato após codificação aberta; e (3) codificação seletiva, que envolve a identificação de categorias sistemáticas de códigos. Abrir processos de codificação axial e seletiva fornecem estrutura ao conteúdo dos grupos de foco, o que nos permite selecionar conceitos relacionados aos nossos objetivos de estudo e para comparar nossos resultados com outros estudos.

O processo de análise foi realizado por uma equipe de quatro pesquisadores *seniors* e uma estagiária, permitindo uma triangulação de perspectivas. No processo de análise, um manual com os códigos (Saldana, 2009) foi desenvolvido para que todas as análises subsequentes sigam a mesma linha. Dúvidas foram discutidas entre o grupo de investigadores até que se atingisse o consenso. Durante a codificação e análise temática, os investigadores buscam padrões de respostas, bem como desvios, a fim de levantar a gama de opiniões a respeito dos assuntos discutidos. Assim sendo, o processo de análise permitiu que os resultados sejam organizados em grandes temas e subtemas. Adicionalmente, modificações interativas dos códigos ocorrem a partir de reuniões entre os investigadores para determinar a confiabilidade da classificação.

Todo tipo de pesquisa depende da interpretação do pesquisador. Esse aspecto é ainda mais fundamental na pesquisa qualitativa, onde o processo de análise se aproxima do trabalho artesanal, onde o caminho vai sendo delineado na interação do pesquisador com o fenômeno estudado (Prasad, 2005). Ao contar com uma equipe multidisciplinar de pesquisadores, com diferentes backgrounds teóricos e experiências práticas (pesquisa do consumidor, pesquisa sobre controle do tabaco, etc), o presente processo de análise procurou contornar possíveis vieses que poderiam ser gerados por um único pesquisador. Nesse sentido a triangulação de perspectivas contribui para que o estudo se aprofunde e amplie suas possibilidades de insight.

III RESULTADOS

Tendo por objetivo mapear a percepção dos consumidores jovens adultos e adultos sobre os DEFs, explorando motivações para a adoção e intenção de uso, a percepção de riscos associados à categoria e práticas de consumo, o presente relatório se estrutura em cinco tópicos. Os três primeiros tópicos respondem às principais questões de pesquisa: 1) Motivações para a adoção e intenção de uso; 2) Percepção de riscos associados à categoria; 3) Práticas de Consumo. Os dois tópicos finais apresentam temas transversais e relevantes no contexto atual de introdução dessa nova categoria no contexto brasileiro, a saber: 4) A importância da internet e das mídias sociais para a promoção dessa nova categoria e 5) A percepção dos informantes sobre os aspectos regulatórios atuais.

I Motivações Para Adoção

Logo no início dos grupos se perguntou “qual a primeira coisa que vem na cabeça de vocês quando falamos, *vaper*, *pode* ou *canetinha*?”. Muitas referências foram feitas à fumaça ou vapor, como os usuários costumam chamar, produzidos pelo DEFs.

“Fumaça. Uma sensação um pouco mais exibida, a ‘fumaçona’ que sai. Mais exibida do que a do cigarro.” (Grupo jovens, Campo Grande)

“Quando eu penso na palavra [vape], eu penso em fazer fumaça”.
(Grupo adultos Campo Grande)

“Fumaça, muita fumaça.” (Grupo jovens, Curitiba)

“A primeira coisa que vem, porque ele pode fazer fumaça”. (Grupo jovens, Porto Velho)

“Me veio fumaça, porque eu uso o vape 24 horas por dia”. (Grupo jovens, Porto Velho)

Essa importância e envolvimento dos usuários com o vapor produzido pelos DEFs, ficou evidente durante a realização dos grupos *online*, quando logo no início da conversa, era dito aos participantes que poderiam usar seus aparelhos. O que vimos foi uma exibição de vapor onde algumas vezes o entrevistado ficava encoberto, numa clara exibição que parecia provocar o interesse de muitos participantes.

Ainda durante essa fase, quando foi perguntado “qual a primeira coisa que vinha à cabeça quando se falava *vaper, pode* ou *canetinha*”, foram citadas também as interações sociais geradas a partir do uso destes dispositivos, assim como seus benefícios quando comparado aos cigarros convencionais, apontando potenciais benefícios percebidos pelos usuários.

“É resenha com amigos, conversar”. (Grupo adulto, São Paulo)

“A primeira coisa que me veio foi “rolê” porque remete muito a questão de compartilhar com os amigos, de estar nesse ambiente descontraído.” (Grupo jovens, Teresina)

“Prazer e depois sabor. É o mesmo prazer de fumar o cigarro convencional, mas o sabor é diferenciado e o cheiro não fica no cabelo, roupa, ambiente e não incomoda ninguém, ele potencializa o prazer”. (Grupo adultos, São Paulo)

“Discrição. Eu fumo onde não pode fumar, prazer e sabor. Prazer porque eu sou viciado em cigarro convencional também e em lugar fechado entra desespero e o vape me salva”. (Grupo jovens, São Paulo)

Os benefícios mais citados pelos informantes foram que os DEFs não deixam cheiro desagradável como o cigarro convencional e a possibilidade de uso destes, onde não se pode fumar cigarros convencionais, como ambientes fechados, mostrando claramente um desconhecimento de que os DEFs estão submetidos às mesmas proibições de uso, de acordo com a Lei nº 12.546 (14 de dezembro de 2011), que alterou a Lei n.º 9.294/1996, proibindo o uso de cigarros, cigarrilhas, charutos, cachimbos ou

qualquer outro produto fumígeno, derivado ou não do tabaco, em recinto coletivo fechado, privado ou público, em todo país.

Nos diversos grupos, foi possível perceber uma variedade de motivos para a adoção dos DEFs apontados pelos informantes da pesquisa:

- Os usuários de DEF não se consideram fumantes, ou seja, todo peso e preocupação relacionados ao uso de cigarros convencionais, deixam de ser associados aos usuários de DEFs, tornando esse, um comportamento “limpo” e segundo eles com menores preocupações. Em diversas falas foi possível, inclusive perceber certo status social pelo uso de um produto da “moda”, antigamente dado ao cigarro convencional;

- Na visão de diversos entrevistados, os riscos para a saúde são hipoteticamente reduzidos, quando comparados ao cigarro convencional. Um fator trazido nos diversos grupos foi a questão da nicotina. Os entrevistados reconhecem que a nicotina é a responsável pela dependência, no entanto referem que alguns tipos de *VAPE* permitem o uso de essência sem nicotina, o que em teoria poderia viabilizar a manutenção do comportamento, parecido com tabagismo convencional, sem a intoxicação pelas outras substâncias tóxicas contidas no cigarro convencional, que segundo os informantes deste estudo, não existem nos DEFs.

- Outros efeitos desagradáveis dos cigarros convencionais, como o cheiro e sabor fortes, são eliminados. Diversos entrevistados relatam que o cheiro agradável do vapor produzido pelo usuário possibilita inclusive a socialização e;

- A variedade de sabores que podem ser escolhidos permite vários tipos de uso, podendo combinar com local, ocasião e tipos bebidas;

Ao analisarmos as falas dos entrevistados, pudemos perceber que a nova categoria parece realizar uma “faxina simbólica” no tabagismo, promovendo-os DEFs a um patamar antes ocupado pelos cigarros convencionais – de um consumo prazeroso, sensual, socializante e em certa medida glamouroso -, sem os inconvenientes usualmente associados ao fumo. Assim, os usuários apresentam o uso dos DEFs como aceito, bem-vindo e sem preocupações, ocorrendo livre das críticas usualmente

apontadas pelos não fumantes. As consequências e o impacto para a saúde dos DEFs parecem não ocupar uma preocupação central no discurso de diversos entrevistados, que em grande parte parecem reproduzir os conteúdos promocionais da nova categoria. Como analisaremos a seguir, em certa medida, os DEFs parecem realizar o trabalho de limpeza simbólica dos estigmas associadas ao tabagismo. Esse aspecto central como motivação da adoção da nova categoria será ilustrado pelas falas dos informantes a seguir.

DEFs como uma faxina simbólica no tabagismo

É interessante notar que alguns ex-fumantes de cigarros convencionais e atuais usuários de DEFs, entendem que deixaram de fumar, portanto não são mais fumantes e sim *vapers*.

“Quando eu era fumante, eu fumei cerca de 15 anos, então a gente tinha aquele prazer de fumar, um momento de estresse, um dia cansativo de trabalho, então a gente saía com cigarro na boca já, antes de sair pela porta o cigarro já estava na boca, só precisava sair na porta para acender, era um momento prazeroso, mas depois que eu larguei o cigarro eu percebi que aquilo não era prazeroso, o real prazer está aqui, o sabor, o cheiro, então eu vejo que eu mudei o meu hábito, eu passei de fumante para Vaper, o meu hábito mudou, eu não sou mais fumante, eu não faço mais fumaça, eu não fedo, eu não tenho mais mau hálito decorrente do cigarro, então é uma satisfação muito grande em ingerir algo que me sacia a ansiedade como o cigarro antigamente, mas que eu não fico fedendo, as pessoas não ficam longe de mim, eu entro no elevador tranquilo, ninguém se afasta porque eu realmente não tenho mais cheiro de cigarro, o hábito de cigarro mudou, é um prazer imenso vaporar para mim.” (Grupo adultos, Curitiba)

Especialmente entre os adultos consumidores do cigarro convencional, os DEFs parecem ser uma alternativa à pressão sofrida pelos fumantes para deixarem o vício. Como seus efeitos à saúde ainda parecem não ser amplamente conhecidos, eles se tornam uma forma de manutenção da dependência da nicotina, sem as graves “acusações” sofridas enquanto usuários de cigarros convencionais.

Um dos entrevistados fez uma colocação que demonstra o lugar que os DEFs parecem ocupar nesse momento.

“Acho que ninguém pararia tão fácil, porque se você observar, o cigarro convencional começou por modinha, só os ricos fumavam, depois virou algo normal, banal, mas no início as propagandas de cigarro traziam pessoas chiques, ricas e o vaper hoje traz o que o cigarro era no início, então não tem exame dizendo, ninguém sabe o que causa ainda.”
(Grupo adultos, Porto Velho)

Outros entrevistados chegam a usar a expressão “modinha” para o uso atual dos DEFs. Nesse sentido, mais do que neutralizar os significados negativos do cigarro, os DEFs parecem aportar, na visão de alguns informantes, um repertório positivo aos seus usuários. Com isso eles se referiam a um uso estimulado pelos amigos ou conhecidos, assim como promovido pelas redes sociais, como uma experiência geracional, relacionada a uma ideia estimulada e promovida por seus pares.

“Virou modinha, algo que todo mundo tem e usa ou algum amigo que tem e você usa também. Algo que todo mundo uma hora vai usar.”
(Grupo jovens, Porto Velho)

“Eu uso mais por modinha, porque nunca fui fumante de cigarro e mais por modinha, porque está na febre, mas é algo que eu sou viciada, mais por modinha mesmo.” (Grupo adultos, Porto Velho)

“No meu caso foi por modinha, foi no final de 2019, eu comecei a ver um grupo de amigos, todo mundo dando aquela baforada, fumaça mágica, aquela fumaça incrível, aí eu quero esse negócio também porque o outro não fazia tanta fumaça assim. E eu lembro que provei a primeira vez, senti a sensação boa e diferente, aí vou começar a fazer isso.” (Grupo adultos, Terezina)

II Percepção de riscos associados à categoria

Um aspecto que parece contribuir com essa aura positiva dos DEFs se relaciona à redução da percepção de risco dessa forma de tabagismo, tanto nos aspectos relacionados à saúde quanto aos riscos sociais.

A redução da percepção de riscos para a saúde

Pode-se perceber nas falas dos participantes, que estes trazem uma menor preocupação quanto aos seus efeitos na saúde, principalmente quando comparados aos cigarros convencionais. Isto se deve a vários fatores, desde a ideia de que os DEFs não produzem fumaça, seus sabores e cheiros (descritos mais a diante), até às informações coletadas.

Alguns participantes chegam a dizer que os DEFs quase não fazem mal à saúde. Essa percepção parece estar muito associada às informações colhidas pelos usuários na internet, que referem ter buscado na época em que conheceram o produto.

“Minha saúde vai melhorar, tem estudo, fui atrás de pesquisas nas quais dizem que o cigarro eletrônico é 95% menos prejudicial do que o cigarro convencional.”
(Grupo adultos, Curitiba)

“Eu acredito que o Vape tem menos produtos químicos envolvidos que você vai colocar dentro do seu organismo, eu acredito que o pulmão de uma pessoa que fuma só o Vape deve ser muito mais clarinho do que uma pessoa que fuma cigarro. Isso é o que eu acredito, eu não tenho fundamento científico para falar isso. Acredito também que o Vape deve ser muito menos viciante que o cigarro, não posso garantir.” (Grupo adultos, Curitiba)

Enquanto alguns minimizam totalmente os efeitos dos DEFs na saúde, outros, apesar de afirmarem saber que o produto faz mal, dizem que deram continuidade ao uso, como dois entrevistados de Porto Velho:

“Fiquei assustada com o resultado de você usar o pod, que era uma certa quantidade de carteira de cigarros, muito assustada, mesmo assim, continuei utilizando.”

“Pesquisei. Mesmo sabendo que faz mal, mesmo sabendo que é mil vezes pior que o cigarro, eu continuo usando.”

Segundo os usuários, o tema dos DEFs recebe menos atenção e comentários sobre os seus impactos, por serem menos conhecidos, de maneira geral. Nesse sentido, um possível risco do produto é que, nos círculos sociais dos jovens, as falas mais

recorrentes são positivas e relacionadas à novidade e suas vantagens em relação ao cigarro convencional e ao narguilé.

“O pod e o vape [comparado com narguilé] não tem notícia assim, porque é mais novo e as pessoas não manjam muito.” (Grupo jovens, Campo Grande)

“Tem muito mais informações em inglês, francês, alemão porque lá fora os caras pesquisam sem ter preconceito nenhum. Aqui dentro [do Brasil] não, a gente não conhece. Vamos proibir, e não vamos procurar saber se é prejudicial ou não. Como eu não sou fluente em nenhuma língua, não fui procurar saber de outros idiomas, mas sei que tem, a agencia mundial de saúde que regulamenta essas coisas já também deu nota falando que pelo fato de ser vapor não é prejudicial à saúde, mas vai depender do que estiver na glicerina, dos componentes da glicerina, então é muito relativo, tem glicerina que não vai ter só a glicerina, alguma coisinha para dar cheiro e sabor, e a nicotina, vão ter outras coisas junto, então vai depender muito do que você comprar para colocar no Vape.” (Grupo jovens, Curitiba)

Ainda sobre efeitos no corpo citados, os entrevistados relatam que os DEFS não deixam os dentes amarelados, assim como não diminuem o olfato e o paladar, como ocorre entre os usuários de cigarros convencionais.

“Uma das qualidades também, vantagem, o olfato melhora muito, o paladar é sensacional”. (Grupo adultos, Curitiba)

“O cigarro deixa os dentes amarelos, já o vape não, é menos poluente”. (Grupo jovens, Porto Velho)

Alguns informantes fazem distinção entre vaporar DEFS e fumar e cigarro, ressaltando que os DEFS não entram em combustão como os cigarros convencionais e esta informação aparece, por diversas vezes, associada com a possibilidade de menor risco que esses produtos causam à saúde. Entre esses investigados, essa informação é referida como mais um benefício.

“Falo vaporar, porque o vape é um líquido de essência que vai no tanque e quando você usa o líquido ele vira vapor, que você inala o vapor do líquido que

é a essência, essa é a diferença. O fumar é a fumaça mesmo que a erva do cigarro tem, essa é a diferença.” (Porto Velho)

“A gente fala vaporar porque a gente acha que é um upgrade, uma melhora, então a gente deixa o termo fumar para lá e passa a usar o vapiar, vaporar, e alguns outros termos.” (Grupo adultos, São Paulo)

A redução da percepção de riscos sociais

Um assunto que parece também tirar o foco dos malefícios causados pelos DEFs, tornando-o mais palatável, diz respeito ao cheiro e sabor desses produtos, que permite a aceitação social do consumo, tanto na roda de fumantes como dos não fumantes, que ficam menos incomodados pelo cheiro e sabor associados ao consumo.

Primeiramente, vale ressaltar que em todos os grupos o cheiro produzido pelos cigarros convencionais foi citado como algo que gera muito incômodo, desagradável e traz desconforto, além de possuir um odor forte e duradouro, levando o estigma de fumante. Como um contraponto, o sabor dos DEFs é citado como favorável, assim como a variedade de sabores oferecidos por este produto, dentre eles frutas, doces e até mesmo marcas conhecidas de chiclete ou balas, parecendo possibilitar um leque de opções relacionadas a específicos momentos, locais ou tipos das bebidas utilizadas pelos usuários.

“A gente passa a vaporar direto porque eu tenho costume de usar sabor frutado, melancia, maçã, e tem os atabacados... quando bebe prefere o cigarro, se eu estou tomando uma cerveja, o sabor maçã não combina porque o gosto fica na boca, quando eu vaporar isso aqui o sabor fica na minha boca, por exemplo, então eu quando eu saio, vou em um bar, tomar uma cerveja com os amigos, eu vou usar o meu líquido atabacado, com sabor de tabaco ou caramelo que não é um negócio doce, que dá certo amargor na boca e combina perfeitamente com a cerveja, se torna algo maravilhoso.” (Grupo adultos, Curitiba)

“O que eu acho engraçado no Vape é que eu acho que ele é muito voltado para o jovem... o negócio de beber e às vezes não usar tanto o Vape por causa do líquido que a gente escolhe, um líquido muito doce, e faz todo sentido, então a gente vê que parece que a publicidade do Vape é muito voltada para o jovem,

essa coisa dos gostos mais doces e tudo mais, acho que agora que estão tendo essa visão de pensar no pessoal que é mais velho, que quer levar para uma substituição, que talvez goste mais do sabor do tabaco. Eu acho que tem que pensar mais nisso no mercado do Vape porque parece que ele é muito reduzido ao adolescente, essa coisa da festa, do sabor de 7 Belo, quando você bebe, você gosta mais do cigarro por causa do gosto, isso fez total sentido na minha cabeça, é realmente isso, porque a gente associa com doce.” (Grupo jovens, Curitiba)

A questão do cheiro produzido pelos DEFs também é bastante recorrente nos grupos, sendo referida como algo positivo e agradável, principalmente quando comparado ao cheiro do cigarro convencional, que em nenhuma vez foi citado como algo positivo.

O cheiro agradável parece ter particularidades específicas, pois favorece a socialização, a utilização em locais fechados apesar da proibição e a maior aceitação entre todos, fazendo o usuário se sentir “bem-vindo”, diferentemente do que ocorria, segundo eles, com os usuários de cigarro convencional e principalmente a possibilidade de não precisar se afastar dos amigos para usar o produto:

“A aceitação de quem fuma vape e pod no meio social é bem mais aceitável do que cigarro, o cigarro a pessoa tem que sair do grupo.” (Grupo adultos, Porto Velho)

“A pessoa pode usar lá dentro, porque quando você usa o cigarro você tem que se afastar e nem todo mundo gosta e o outro os amigos que não fumam, eles não se incomodam como o cheiro, o cigarro eu tenho que me afastar pra fumar.”

“A questão da fumaça eu tenho visto que é muito bem aceita, já teve roda de empreendedores aqui e o palestrante falando sobre negócio e fumando o vape na maior tranquilidade, a impressão que eu tenho é que as pessoas não se incomodam com a fumaça, principalmente quando a essência é agradável, tem essência de frutas, chiclete, babaloo, menta, é gostoso de sentir até.” (Grupo adultos, Campo Grande)

“Eu fumo onde não pode fumar, prazer e sabor. Prazer porque eu sou viciado em cigarro convencional também e em lugar fechado entra desespero e o vape me salva.” (Grupo jovens, São Paulo)

Outros pontos apontados como vantagens dos DEFs

A redução de riscos com o uso dos DEFs apareceu como uma das possíveis vantagens apontadas pelos entrevistados. Entretanto, vários outros pontos são apontados no uso dos DEFs como vantajosos. Entre eles podemos citar a percepção de que os DEFs não deixam cheiro desagradável nas roupas, mãos, cabelo e boca como o cigarro convencional, assim como apontam uma praticidade no uso deste dispositivo, tanto a praticidade de não ter que sair do ambiente para usar, quanto citam a praticidade de levar somente o dispositivo, sem necessidade de isqueiro e cinzeiro. Por fim, soma-se a isso o alívio do estresse e da ansiedade, como uma vantagem apontada pelos informantes, de forma a justificar seu uso.

“Não tem cheiro, não fica impregnado o cheiro do cigarro na sua roupa, no ambiente e tudo mais”. (Grupo jovens, Curitiba)

“Hoje em dia eu posso usar uma camiseta e colocar no cabide ali separada das roupas limpas, mas usar ao longo do dia ainda porque vai estar com o meu perfume ou sem aroma nenhum de Vape, não tem aroma”. (Grupo adultos, Curitiba)

“Praticidade, na rua tem que levar maço, isqueiro, cinzeiro e o vape é só ele, põe no bolso e pronto”. (Grupo jovens, São Paulo)

“Serve pra pessoa se acalmar e ficar tranquila”. (Grupo jovem, Campo Grande)

III Práticas de Consumo

Os entrevistados reconhecem uma diversidade de práticas de consumo proporcionadas pelos diversos tipos de aparelhos disponíveis no mercado brasileiro. Os informantes fazem distinções dos tipos de DEFs, apresentando os sabores como fatores que podem interferir na escolha do produto, sendo o *POD* considerado mais forte, mais

parecido com cigarro convencional e o VAPE como tendo a possibilidade de usar com essências mais fracas ou sem nicotina, assim como não tragar.

“O pod é mais parecido com cigarro pois pode tragar o vape não.”

“Como vape usa essência, você pode usar “sem nicotina” e não tragar, só “tirar onda”.

“Principalmente a questão do sabor pelas essências, apesar de eu gostar do tabaco e não consegui largar, sinto falta do tabaco, e as vezes pod é mais questão de praticidade você leva no bolso e não precisa acender ou apagar, mas eu não largo o cigarro convencional. No começo eu tinha vontade de largar o cigarro e só piorou.” (Grupo jovens, São Paulo)

Nos diversos grupos, mas especialmente entre os usuários duais (que continuam fumando cigarro convencional e DEFs) foram frequentes os relatos de “estar fumando menos “vape” que o cigarro tradicional anteriormente”. As narrativas de redução do tabagismo foram recorrentes e parecem reproduzir o próprio discurso que levou alguns dos usuários a se engajarem com a nova categoria. Entretanto, essa fala apresenta duas contradições importantes, também presentes nos diversos grupos: I) a dificuldade de mensurar o consumo e avaliar o que seria o consumo excessivo; II) a vivência de experiências de *flow*, em que os usuários perdem a capacidade de controlar o próprio consumo. Os dois tópicos a seguir, desenvolvem esses dois temas:

A dificuldade de mensurar o consumo e avaliar o que seria o consumo excessivo

Uma das perguntas do roteiro pedia, de forma projetiva, que os informantes avaliassem o que seria vaporar muito. Nas respostas, foi possível perceber alguns pontos relevantes. Tanto individual quanto coletivamente é difícil estabelecer uma medida do que seria o consumo excessivo. É interessante notar que diversos entrevistados demonstram que essa “régua” é facilmente estabelecida para o cigarro convencional, mas muito ambígua quando se trata dos DEFs:

“Eu fumava uns 10 cigarros por dia, do convencional, agora eu não tenho aquele horário para fumar, de vez em quando eu estou ali pegando e estou fumando, mas eu fumava bem mais, o outro eu fumava muito. O

cigarro eletrônico não tem uma quantidade assim.” (Grupo adultos, Teresina)

“Não consigo saber, porque não é todo dia. A gente liga e quando não quer a gente desliga, mas eu não tenho noção de quanto dura.” (Grupo jovens, Porto Velho)

“Em relação à quantidade não sei não, já vai lá e compra várias essências ou vai num lugar, como eu fui em Ponta Porã e comprei bastante também, não tem como quantificar. O cigarro convencional tem porque tem a quantidade ali, já o vaper e o pod não, não tem como, só se a pessoa usar só o descartável que é o pod e ele tem como saber quantos ele usou no mês ou na semana.” (Grupo adultos, Campo Grande)

“Eu não sei comparar porque eu também fumo cigarro, aí fica difícil, se eu falar só do vaporar, se você me perguntar que quem fuma muito fuma pouco, duas carteiras de cigarro por dia a pessoa é uma chaminé, agora um Vaper que fuma muito, se for pegar o meu descartável, se fumar isso aqui em uma semana, eu vou dizer que o cara fuma muito porque para mim dura uns 2 meses”.

“Eu acho difícil dizer também porque eu acho que é muito subjetivo, depende do que é muito para cada, para mim alguém que fume toda hora já é demais, então não sei. No frasquinho que eu levo um mês, se ele levar 3 dias ele é um grande Vaper”.

Alguns informantes relatam conhecer e seguir uma medida pessoal para quantificar o próprio consumo. Nessa mensuração, entretanto, parece não existir dentre os usuários um consenso coletivo para a mensuração do consumo. Algumas lógicas distintas foram apresentadas: I) número de puxadas/período de tempo; II) ml consumidos por período de tempo; III) desgaste da resistência do produto; IV) momentos do dia em que o produto é consumido; V) tempo de duração da bateria.

Diferentemente do consumo do cigarro convencional onde o número de cigarros ou a quantidade de maços consumidos por dia oferecia uma medida de limite para a própria pessoa e de comparação com os demais, no caso dos DEFs esta “régua” não está

estabelecida. A diversidade de modelos existentes no mercado, cada um com sua especificidade técnica, além das escolhas relativas ao teor de nicotina, parece contribuir para essa ausência de parâmetros:

“Depende do Vape que eu estou usando, tem esses descartáveis, aí é mais fácil de saber porque ele já vem prontinho, já vem tudo ali e beleza, do outro depende muito também do dia da semana em si, é que nem eu falei, se é fim de semana, acaba usando mais, mas não tem assim uma quantidade exata”. (Grupo adultos, Curitiba)

“Por exemplo, a bateria tem um tempo de carga e que seria 4 horas por dia eu faço uso, a bateria dura 8 horas e a minha bateria dura dois dias. Eu faço 4 horas de uso por dia. (Grupo jovens, Porto Velho)

“(...)eu uso o Freebase como eu falei para vocês que é um Juice, que é o líquido com a menor quantidade de nicotina que só tem 3 mg para um frasco de 30 ml que convertendo vai dar no final 60mg de nicotina por frasco, diferente de um Nixon que já contém 50, eu uso o Nixon, uso 50, se eu usar 35mg eu não consigo me satisfazer.” (Grupo jovens, Teresina)

“Todos os dias, igual eu, eu tenho o meu hábito de usar o pod todos os dias, eu considero que eu fumo muito.” (Grupo jovens, Campo Grande)

“O meu pod é o coco, eu troco só a resistência que é onde queima, ele dura em média 15 dias, de 10 a 15 dias e dá pra puxar umas mil puxadas, uns mil pufs.” (Grupo jovens, Porto Velho)

Essa dispersão de medidas em relação aos limites de consumo de DEFs se torna ainda mais significativa na medida em que se apresenta nos relatos projetivos, onde os usuários não estão falando sobre o próprio consumo, mas apontando o que seria um vaporar muito de forma não pessoal, mas genérica. A fala na 3ª pessoa sugere que a diversidade de critérios e sua ambiguidade não se trata apenas de uma defesa para evitar mensurar o próprio consumo, mas uma dificuldade material efetiva vivenciada pelos usuários para refletir e avaliar a experiência de consumo no cotidiano:

“E o fato de consumir mais ou menos, se a pessoa usa um Juice de 3mg, ela tende a usar mais, com mais frequência porque ela está ingerindo pouca nicotina, é que nem um cigarro fraquinho, quem fuma Marlboro e vai pegar um Free, um Derby que é ruim para caramba, uma coisa com menos nicotina, então vai sentir diferença e vai querer fumar outro rapidamente, então eu acabo vaporando mais porque tem o objetivo de diminuir a nicotina. Um exemplo simples, todo mundo que parou de fumar e de repente diz que está usando menos o vapor, se você diminuir o seu teor de nicotina no Vape, você vai vaporar mais, se você aumentar o teor de nicotina no seu Vape, você vai vaporar mesmo porque as vezes você usa um negócio tão forte que dá até uma tontura, é que nem fumar um Gudang, pessoal que fuma, já fumou, sabe que é forte. Então a pessoa que escolhe o que agrada, o que satisfaz, se ela quer dar um Puff, a gente chama de Puff quando puxa, uma sugada, então se você quer dar um Puff e se sentir totalmente satisfeito, você coloca um teor de nicotina alto, se você quer ficar vaporando direto, você coloca uma nicotina menor, mais abaixo”. (Grupo adultos, São Paulo)

“Já acho que uma pessoa que precisa de vários momentos do dia, precisar usar várias vezes eu acredito que é muito, até diariamente é muito. Tem gente que usa no horário do almoço, antes de entrar no serviço, enquanto dirige, faz comida e fuma, a constância e diariamente é muito.” (Grupo adultos (Inic. DEF), Campo Grande)

Tendo em vista a importância desse tópico para a questão do uso dos DEFs, o item a seguir procura aprofundar a análise dos mecanismos que contribuem para criar as experiências de *flow* no consumo, onde usuários perdem a capacidade de controlar o próprio consumo.

Mecanismos de *flow* do consumo de DEFs

Os mecanismos de *flow*, que fazem com que o consumidor perca a noção do seu consumo e tenham dificuldade de controlar o quanto usa no seu dia a dia podem ser sintetizados em três aspectos centrais: I) a falta de uma experiência material que sinaliza uma unidade de consumo; II) o consumo de múltiplas essências e modelos ao mesmo tempo; III) a socialização e liberação em espaços antes restritos ao tabagismo.

A falta de uma experiência material que sinaliza uma unidade de consumo

Se o fumante do cigarro convencional tinha a possibilidade de contabilizar quantos cigarros havia fumado ou ainda restavam na carteira até o final do dia, o usuário de DEF parece ter dificuldade de visualizar o quanto consome e o quanto ainda resta, perdendo assim uma medida para controlar o seu próprio consumo.

“O cigarro você ainda vê o final do cigarro, quando você fuma ali, eu fumei um cigarro porque a questão de quem fuma é mais o hábito, é um ritual você tirar o cigarro da carteira, colocar na boca, acender ele e puxar ele, é tipo um ritual, já o Vape não tem isso, só vai puxando, quando vê as vezes você fumou a essência inteira durante o dia e fumou muito mais que uma carteira de cigarro, você fumou umas 5 carteiras de cigarro em um dia só.” (Grupo jovens, Curitiba)

“Eu concordo com ela, é muito mais fácil saber o quanto você fuma de cigarro porque o cigarro você está vendo ali, você pegou na mão, eu fumei um cigarro, depois você vai contabilizar, fumei 2 cigarros, 3, 4, 5, 10, 15 cigarros, você consegue contabilizar, o Vape não, você vai puxando, você não consegue fazer uma média de quanto por dia você usa porque é a mesma coisa que você perguntar para um fumante, você sabe quantas vezes você tragou durante o uso do cigarro? Às vezes você dá uma tragada maior, uma tragada menor, coisa que você não consegue contabilizar. (Grupo jovens, Curitiba)

Outro aspecto relacionado às pistas materiais, diz respeito à dificuldade de se averiguar a quantidade que ainda resta do produto:

“Quem fuma muito fuma todo dia. Em números seria umas 500 puxadas numa noite de um descartável. Por exemplo, eu comprei um de 1500 puxadas no sábado e na segunda feira eu percebi que acabou, mas eu não senti que eu usei 100% dele. Porque você sai e bebe e fuma e quando você vê acabou. Os descartáveis não mostram quando vai acabar, você descobre na hora que acabou. Esse que é o golpe do descartável, você não vê.” (Grupo jovens, Campo Grande)

O uso vários modelos e essências ao mesmo tempo

Outro elemento material que contribui com essa dificuldade, diz respeito ao fato dos usuários comprarem e utilizarem individualmente diversos modelos, com dinâmicas de reabastecimento distintas:

“O vape eu consigo definir o tempo de duração, mas eu tive uma experiência com o pod, ele tinha mil pufs e durou 6 a 7 dias, eu usei todo dia, porque eu estava de férias, saía todo dia, todo dia eu usava.” (Porto Velho, grupo jovens)

Relatos frequentes nos grupos dizem respeito ao uso concomitante de diversas essências. Assim, trocando sabores e aromas ao longo de um mesmo dia ou evento, o usuário acaba perdendo a capacidade de mensurar seu consumo pelo término do seu líquido, num determinado período.

“A quantidade é difícil mensurar, porque se você utiliza os dois, você não controla, o pod você controla mais, mas o vape você compra várias essências e você não fica ali contando, você enjoa de um gosto e quer trocar. Já comprei que não gostei e tive que doar. Não dá pra quantificar.” (Aline, Campo Grande, grupo adultos)

Outro fato relacionado às essências que aparece impactando a mensuração é o fato do *vape* permitir o compartilhamento da essência com os amigos (socialização da experimentação), o que faz com que o consumidor não consiga saber ao certo o quanto vaporou sozinho ou o quanto foi consumido pelo uso compartilhado.

As experiências de socialização e a aceitação do consumo em ambientes coletivos

O consumo dos DEFs é ampliado pelos encontros de amigos, em momentos que conjugam a socialização e as bebidas alcóolicas. Diversos entrevistados relataram perder o controle de consumo de cigarro (comum/eletrônico) ao estarem consumindo bebida alcoólica.

“Depende, quando eu estou bebendo eu vaporo 100% mais, quando eu estou bebendo, quando estou um pouco estressado, quando eu finalizo um bom dia de trabalho com bastante vendas, eu já estou indo para casa, aí eu começo a vaporar.”

“Em festa, se eu bebi já era, eu fico o dia inteiro puxando o Vape e se eu sei que eu exagerei, é porque a voz começa a ficar outra coisa, respiração também, a cabeça, dá uma dor de cabeça.” (Grupo jovens, Curitiba)

“Depende de quantas festas tem no mês, aí a gente vai vendo. Mas a questão do pod é bem pouco mesmo, é mais festa, mas o cigarro que eu consigo controlar mais, por conta da carteira, mas o de 600 puxadas dá o mês inteiro.” (Grupo adultos, Campo Grande)

“Acho que é complicado falar em quantidade, porque a maioria usa para alívio do estresse, em roda de amigos. Quantidade é complicado dizer. Eu uso o de 300 puxadas e dura uma semana ou mais. Final de ano agora todo mundo vai usar bem mais.” (Grupo adultos, Campo Grande)

“Depende, quando eu estou bebendo eu vaporo 100% mais, quando eu estou bebendo, quando estou um pouco estressado, quando eu finalizo um bom dia de trabalho com bastante vendas, eu já estou indo para casa, aí eu começo a vaporar.” (Grupo jovens, Teresina)

“Eu tenho um sobrinho meu de 26 anos que fuma, ele exagera muito, se ele tomar cerveja o dia inteiro, o de 300 pra ele vai num dia, é muito.” (Grupo adultos, Campo Grande)

“A pessoa que fuma muito, fuma um de 300 num dia, dependendo do evento, uma festa que começa cedo e vai até de noite, ele fuma até acabar.” (Grupo adultos, Campo Grande)

Embora possa-se dizer que a combinação do álcool entre amigos é também propulsora do consumo do cigarro convencional, uma diferença importante em relação ao DEF se relaciona com o fato de que, diferentemente do cigarro convencional, os DEFs são mais aceitos mesmo em locais públicos, sem tantas restrições para o consumo, por exemplo em bares, restaurantes e boates, nas rodas que incluem os não fumantes:

“Eu sempre digo que eu vejo como eu fumava e agora sem o cigarro dois anos, parece que é uma situação degradante, mau hálito, fedor, cheiro, se excluir para fumar um cigarro e ninguém está te acompanhando, é um momento sozinho, que você saiu para se divertir e ver seus amigos, você vai lá e fuma um cigarro, já o vapor estou ali fazendo perto de todo mundo, o pessoal fala, que cheiroso, o que você está usando aí. O quanto a vício, saciar a vontade, eu acho que é a mesma coisa, é perfeito, é uma troca que eu fiz maravilhosa, uma decisão muito boa que eu tomei na minha vida.” (Grupo adultos, Curitiba)

“Porque o cigarro antigamente fazia isso, aproximava as pessoas, tinha aquele negócio, a gente fumava junto, hoje como dificilmente pode

fumar, a gente é excluído, essa é a grande verdade, e o Vape não faz isso, aproxima as pessoas, faz o social mesmo". O vape, então, aparece como algo "que dá papo" e permite conhecer novas pessoas: "E já um motivo para você conhecer a pessoa, que Vape você está usando, que marca que é, que Juice que você usa, o Juice a gente escolhe, a nicotina a gente escolhe, o sabor, então já um motivo para você fazer uma amizade, duas pessoas estão fumando ali fora, vão trocar uma ideia ali, mas parece que o Vape dá muito história, papo para você trocar." (Grupo adulto, Curitiba)

"Mais mesmo uma forma de lazer, um passatempo, você sai e olha para um lado e olha para o outro e não tem nada pra fazer e fumo, tem sabor o negócio, é muito diferente de qualquer outra coisa, um sabor bem intenso. Geralmente na rua uma pessoa fumando o cigarro e é o maior ruinzão e o pod ou vape é o maior gostoso. O cheiro do cigarro não é convidativo, mas o cheiro do vape você sabe a distância o que o cara fuma." (Grupo jovens, Campo Grande)

"Quando a gente sai em galera para dar um rolê, sempre tem alguém que quer fumar ou o Vape ou um narguilé, acaba unindo as pessoas e fica ali no momento de curtidão de festa." (Grupo jovem, Curitiba)

"Acredito que a vantagem é em questão da interação social, a gente acaba usando o vaper e o pod em ambiente com amigos e colegas, troca figurinha sobre essência e marcas, tem a vantagem da questão da ansiedade, controle da ansiedade, a questão de com certeza deve ter alguma coisa ali dentro que faz com que a gente vicie de alguma maneira, mas a questão de fazer fumaça é divertido, você distrai a cabeça. Quem sabe fazer bolinha, ficar brincando e isso seja uma vantagem, você distrai a sua mente e o controle da ansiedade."

Locais de Consumo dos DEFs

Os pontos de consumo relatados nas entrevistas foram diversos. Como já se comentou, existe um nítido sentimento de liberdade dos usuários em relação a fumar dispositivos eletrônicos em público, bem como na convivência social, diferentemente do cigarro tradicional, que geralmente precisa ser consumido com mais cautela para não gerar incômodo alheio. A partir disso, temas como socialização, aceitação e praticidade foram relevantes para explicar essa maior possibilidade de utilização dos DEFs.

O *vape* parece ter se tornado um forte elo de socialização, sendo extremamente associado pelos participantes às festas, baladas e amigos. Através do grupo social, os informantes dizem serem apresentados aos dispositivos eletrônicos, assim como aprendem a como utilizá-los. Ademais, devido a variedade de marcas, essências e tipos de dispositivos eletrônicos, os entrevistados informam que o *vape* propicia um tema de conversa para os usuários entre si, de modo que é possível conhecer pessoas e criar novas amizades. Os encontros de grupos, para compartilhar os DEFs, adquirir novos produtos e trocar informações sobre o assunto, foram citados e ocorrem nas próprias tabacarias, que em diversos casos oferecem espaços para o consumidor utilizar os produtos.

“Porque o Vape é uma coisa mais social do que o cigarro em si, o cigarro, a maioria dos amigos não fumam e o Vape, todo mundo, eu conheci pessoas que nunca botaram um cigarro na boca, que reclamavam da gente, daqui a pouco chega com um desses descartável, experimenta, esse sabor é delicioso, é um social mesmo, é um ritual e aproxima. Porque o cigarro antigamente fazia isso, aproximava as pessoas, tinha aquele negócio, a gente fumava junto, hoje como dificilmente pode fumar, a gente é excluído, essa é a grande verdade, e o Vape não faz isso, aproxima as pessoas, faz o social mesmo.” (Grupo adultos, Curitiba)

“Na pandemia eu tenho saído pouco, eu posso dizer que eu fui duas vezes em algum bar, em uma situação muito especial porque eu tenho me segurado muito, mas já não encontrei problemas em usar em bar, não fechado, mas aquelas coberturas, aqueles guarda-sóis, bem tranquilo, nos lugares que eu fui encontrei gente

que usa também e que estava vaporando. E já um motivo para você conhecer a pessoa, que Vape você está usando, que marca que é, que Juice que você usa, o Juice a gente escolhe, a nicotina a gente escolhe, o sabor, então já um motivo para você fazer uma amizade, duas pessoas estão fumando ali fora, vão trocar uma ideia ali, mas parece que o Vape dá muito história, papo para você trocar.” (Grupo adultos, Curitiba)

“Sou uma fumante bem nutelinha, porque eu nunca tinha fumado nada, nem cigarro, aí comecei a fazer faculdade (...)e têm pessoas muito mais velhas que você, me chamaram pra uma tabacaria e eu fui, e eu toda, beleza, não vou fumar, só vou beber alguma coisa e foi assim o começo, eu acompanhava na tabacaria, só eles fumavam e eu comprava uma ice. Teve uma vez que uma amiga minha chegou com o vape dela lá na tabacaria, ela ofereceu pra eu experimentar e eu disse que nunca fumei. (...) Aí ela falou que usava as juices, essências sem nicotina que não abaixava a pressão e o cheiro era bom. Ela fumou e o cheiro é agradável e eu experimentei e gostei, uma semana depois comprei um vape e não paro desde então.” (Grupo jovens, Porto Velho)

“Sim, mas eu tento diminuir para guardar para o fim de semana, situações de “rolê” com os amigos, aí que eu uso sem restrições, na semana eu uso de leve, restringindo um pouco para não aumentar tanto o consumo.” (Grupo jovens, Teresina)

Em muitos casos, a venda de *POD* é feita dentro das boates, em outros, mesmo não ocorrendo a venda, a utilização de *vapes*, *pods* e cigarros eletrônicos é citada como sendo extremamente aceita dentro desses locais, o que gera um conforto e praticidade para os usuários, os quais não precisam se preocupar em sair para fumar.

“Quando eu saio, estou em uma baladinha, algum lugar que é permitido fumar o Vape lá dentro. Aí você tem que sair, a gente mora em Curitiba que é frio, as vezes dá preguiça de sair para fumar e a gente fica lá dentro no Vape.” (Grupo jovens, Curitiba)

“Aqui em Porto Velho em algumas baladas já vendem o descartável, que é o pod, o cigarro eletrônico porque você vai no lugar e quer fumar. Tem uma casa que inclusive é balada, mas vendem. A pessoa pode usar lá dentro, porque quando você usa o cigarro você tem que se afastar e nem todo mundo gosta e o outro os amigos que não fumam, eles não se incomodam como o cheiro, o cigarro eu tenho que me afastar pra fumar.” (Grupo adultos, Porto velho)

Parte dos usuários destacou a praticidade de poder transportar e fumar os cigarros eletrônicos em diversos locais. Além dos já citados ambientes de socialização, participantes relataram usar os dispositivos em casa, no trabalho, dentro do carro, em shoppings, entre outros locais.

“Eu penso em relaxar, eu acho massa fumar e ficar a essência, o gostinho e a baladinha pra descontrair. Eu uso em casa e quando eu saio, em qualquer lugar, na rua, mercado, que hoje em dia não tem discriminação, até fumar em local fechado não tem problema.” (Grupo adultos, Porto Velho)

“Eu moro sozinha então chegou um ponto que ou eu descia para fumar ou fumava em casa, eu comecei a fumar em casa, na cozinha não tem nem muita distância, mas eu vou ali na cozinha para ter aquela sensação de que não estou no meio da casa, e acendo vela para tentar dar aquela disfarçada no cheiro. No fim eu sei que o cheiro não sai, mas eu tento dar uma tapeada na minha cabeça, eu passo perfume, acendo uma vela e acho que o cheiro sai. Isso com o cigarro. Com o Vape não, é essa questão

de só abrir a janela mesmo e não fica o cheiro, fica um cheiro dependendo da essência que tem, tem de vários tipos, fica aquele cheirinho, mas um cheiro que você vê que não é natural de perfume, é um cheiro carregadinho, mas também não tem problema nenhum, você abre a sua janela, acaba sendo melhor do que o cigarro.” (Grupo jovens, Curitiba)

“Discrição eu fumo onde não pode fumar, prazer e sabor. Prazer porque eu sou viciado em cigarro convencional também e em lugar fechado entra desespero e o vape me salva.” (Grupo jovens, São Paulo)

Alguns usuários, oriundos do cigarro tradicional, diziam não sentir a mesma satisfação ao fumar o *vape* e por isso, ainda preferiam utilizar o cigarro em eventos e situações sociais, destinando o *vape* a preencher o lugar do cigarro em situações onde não se pode fumar, como no escritório ou transporte.

“A diferença é o ambiente mesmo, se eu estiver em ambiente fechado prefiro o pod que não deixa cheiro, reunião de trabalho é pod. Para fumar o convencional é num churrasco, ambiente aberto com os amigos, ambiente fechado não fumo.” (Grupo adultos, São Paulo)

“Para mim é só um quebra galho para fumar em casa, ou até no trabalho, de vez em quando eu dou uma baforada no Vape, mas eu sou mais do cigarro também. Mas também não fumo muito, eu fumo em média 10 cigarros por dia, mas o Vape é mesmo para quebrar um galho, fumar em casa ou no trabalho, quando estou com vontade mesmo. Por causa do cheiro do tabaco mesmo que ninguém gosta, minha mulher não fuma, meus colegas até fumam, mas não pode fumar, para mim é um quebra galho mesmo.” (Grupo adultos, Curitiba)

“Eu sou viciado em cigarro comum, pod é no trabalho e pego ali mesmo toda hora, em casa é convencional, mas o pod ele não fica em casa fica só no trabalho. A principal diferença discrição, cheiro, porque tem a diferença do prazer também, quando tenho ansiedade de vício é o cigarro

convencional, mas vape eu posso fumar dentro do ônibus e não fica cheiro, eu não fumo dentro de casa a não ser nesse quarto que impregna, ainda mais que eu tenho filha pequena. Tem diferença de prazer, vape não mata necessidade de um cigarro.” (Grupo jovens, São Paulo)

A questão da aprovação e consumo dentro do ambiente familiar também apareceu como algo importante para os participantes, os quais encontram maneiras distintas de lidar com ela. Enquanto alguns passam a utilizar o *vape* para poder fumar em casa e, ao mesmo tempo, não incomodar os familiares, outros preferem continuar a não utilização de nenhum tipo de dispositivo, visando não prejudicar os demais, nem dar um mau exemplo.

“Basicamente eu fui na praia eu acabo fumando o cigarro eletrônico e também o convencional por estar no ambiente aberto. (...) mas no ambiente fechado eu pego o eletrônico como no escritório e em casa que a família também não gosta nem do eletrônico. Eu fumo com a família longe de mim e fumo no trabalho e em reuniões informais, aqui em casa eu desço ou uso a sacada mesmo sendo eletrônico.” (Grupo adultos, São Paulo)

“Primeira coisa, cigarro convencional o cheiro é muito forte, e você fica com mau hálito, você incomoda as pessoas, eu me sentia incomodada porque eu tenho um netinho e ele me perguntava, vovó, você fuma? E eu nunca dizia que fumava, mas o pai dele chegou uma vez para mim e disse “olha, o Diogo me disse que você fuma, toma cuidado”, então foi mais isso que me fez também querer parar.” (Grupo adultos, Teresina)

Um participante relatou fumar o *vape* em casa escondido dos pais e não ter problema em relação à desconfiança deles, visto que o dispositivo é muito discreto.

“Eu fumo dentro do meu quarto e o meu pai não sente o cheiro, dentro do trabalho também ninguém sabe e sente o cheiro, eu guardo no bolso e não precisa apagar.” (Grupo jovens, São Paulo)

Apesar de ser a minoria, alguns participantes disseram não fumar em público para não incomodar os demais, visto que o vapor pode ser desagradável para muitos, mesmo que mais aceito comparado ao cigarro convencional.

“Mas para mim é igual um cigarro, eu não gosto de fumar dentro porque eu acho falta de respeito, tem pessoa que não gosta, por mais que seja só um vapor, ainda faz um cheiro. O cheiro da essência ainda fica, para quem não gosta é até desrespeitoso, eu ainda encaro igual um cigarro, ainda fumo, vou lá fora, puxo lá fora, a hora que eu sinto que minha vontade acabou, eu volto.” (Grupo jovens, Curitiba)

De modo geral, os consumidores de DEFs referem se sentir muito à vontade para adquirir produtos e utilizá-los no cotidiano. Os pontos de venda físicos e virtuais, segundo eles, são acessíveis e práticos, bem como a sociedade aceita o uso dos dispositivos com maior facilidade que o cigarro, permitindo a utilização em diversos locais públicos. Cenário que é apontado como positivo pelos usuários de DEFs.

A compra dos DEFs

Acerca da comercialização dos DEFs, os participantes afirmaram ser de fácil acesso a compra de *vapes*, *Pods*, essências e demais itens da categoria no Brasil. Dos pontos de venda presenciais os mais citados foram “tabacarias”, destacadas nos relatos por terem variedade de produtos e serviço especializado. Também surgiram diversas vezes lojas de conveniência, lojas em postos de gasolina, distribuidoras e shopping centers. Os participantes destacaram como esses pontos físicos estão presentes massivamente por toda a cidade (nas cinco cidades pesquisadas o relato foi semelhante).

“Tem mais tabacaria do que padaria aqui. Aqui é meio que uma forma de lazer, cultural, muito natural. No meu bairro tem três tabacarias e fora as conveniências que também vendem.” (Grupo jovens, Campo Grande)

“Em loja de conveniência, em tudo que é lugar coloca pra vender. A gente tem acessibilidade muito alta.” (Grupo adultos, Campo Grande)

“Não, porque a gente encontra com muita facilidade, em loja de shopping inclusive.” (Grupo jovens, Porto Velho)

“Geralmente as lojas que vendem coisa para Vape vende para maconha, para tabaco, narguilé, é uma tabacaria, não deixa de ser. É um derivado da tabacaria (...) as lojas ficam abertas em shopping, em grandes centros, bairros nobres, é complicado.” (Grupo jovens, São Paulo)

“Eu moro do lado de uma tabacaria,(...), eu compro aqui do lado de casa e eles são bem atenciosos, então sempre que chega algum sabor novo.” (Grupo jovens, Curitiba)

Além dos pontos físicos, a internet foi um canal enfatizado para a aquisição dos dispositivos e a praticidade do meio foi um destaque. Um participante ressaltou que preferia comprar de forma online devido ao despreparo de atendentes de tabacarias em relação às especificidades do *vape*.

“Tem até na internet, você não tem nem o trabalho de ir lá buscar, hoje em dia é muito mais fácil. Quando eu vejo que está acabando e não quero ir, eu peço pra entregar, tem o contato, eu peço e a pessoa entrega, no serviço ou em casa.” (Grupo adultos, Campo Grande)

“Geralmente eu compro pela internet, tem loja específica na internet que vende.” (Grupo jovens, Porto Velho)

“Eu compro em site, só em site, não compro em tabacaria porque até me espantei escutando a Carla falando que na tabacaria eles esclarecem bem, porque na tabacaria eles nem fazem ideia, todas as tabacarias que eu fui, eles nem fazem ideia do que eles vendem, é objetivo totalmente comercial, eles não estão nem aí se você vai comprar um charuto ou um líquido, é vender, eles não fazem ideia.” (Grupo jovens, Curitiba)

Um participante ressaltou que através do site seria mais fácil adquirir os produtos sendo menor de dezoito anos (o mesmo não estava ciente que a venda para maiores de idade também seria ilegal).

“Entra no site fala se você tem 18 anos ou não, e existe a venda informal da maioria dos cigarros eletrônicos. Na escola da minha filha ensino médio tem todo mundo com isso e ninguém tem 18 anos.” (Grupo adultos, São Paulo)

Alguns relatos também descreviam a importação dos produtos, tanto por meio de sites estrangeiros como através de viagens internacionais. Essas situações eram identificadas como oportunidades, devido ao menor preço e maior variedade de produtos vindos de fora.

“Eu tento importar no Ali Express e ele não enviam o vape inteiro. Eles enviam, quando chega aqui a receita Federal prende por lá. Eu consegui comprar bobinas que queimam e você tem que trocar, eu comprei bem barato, aqui é 60 reais e comprei 5 por 10 reais e pago o frete e sai bem barato, mas o aparelho algumas lojas que são cadastradas lá não mandam mais pra cá, que a receita Federal segura lá.” (Grupo adultos, Porto Velho)

“Eu morava fora e trouxe um desses que são descartáveis, metade da mala foi esse e tenho vários sabores e (...) Eu trouxe bastante tabaco, essência, voltei o ano passado e tenho a preocupação de quanto tempo vai durar o meu estoque e como não é liberado no Brasil você não sabe a procedência o que a gente está fumando.” (Grupo jovens, São Paulo)

IV A importância da internet e das mídias sociais para a introdução dos Defs

De acordo com o relato dos usuários nos grupos focais realizados, a internet e as redes sociais se configuraram como espaços que permitem a iniciação e promulgação do consumo dos DEFs. Quando eles mencionam a palavra internet, estão na verdade falando principalmente do *Google* e de seus mecanismos de busca. Por outro lado, ao citarem redes sociais os usuários indicaram as plataformas digitais como *Instagram*, *Facebook*, *Twitter* e *YouTube*. Mediante os elementos trazidos pelos usuários foi possível estabelecer que o ambiente digital tem diversas funcionalidades para a comunidade dos DEFs: mecanismo de busca por informações, espaço de disseminação de *Fake News* sobre o dispositivo eletrônico para fumar, espaço de encontro de uma figura de referência, espaço de comercialização, ferramenta de descoberta da categoria, e espaço de socialização da comunidade DEFs. A seguir serão exploradas cada uma dessas funcionalidades.

Mecanismo de Busca por Informações

Os usuários relataram frequentemente que o consumo dos DEFs veio alinhado a um conjunto de dúvidas principalmente relacionadas aos possíveis malefícios causados por essa nova categoria de produto. Para tentar sanar essas dúvidas, os consumidores acabaram recorrendo ao *Google*, como principal ferramenta de busca por informações:

“O Google mesmo, quando a gente joga qualquer coisa ali para fazer pesquisa, aparece lá já o primeiro site indicando, já com a matéria meio pré aberta para você ler, o Google mesmo é referência para fazer bastante pesquisas. Quando eu tenho alguma dúvida referente ao

assunto, os primeiros sites que realmente aparecem.” (Grupo jovens, Curitiba)

Entretanto, essa busca parece seguir critérios determinados pelos consumidores. Esses critérios são usados com intuito de encontrar informações consideradas pelos usuários confiáveis e seguras. Além disso, esses critérios também parecem servir como uma forma de legitimar o consumo dos DEFs como algo positivo.

“Eu busquei no Google. Toda a informação que eu busco eu tento não buscar o que está favorecendo o produto, no site do fabricante provavelmente está favorecendo alguma informação, então eu tento buscar informações de pessoas que já utilizaram, informação de algum órgão regulamentador disso, que aí eu acho que vai estar descrito melhor e mais imparcial.” (Grupo jovens, Curitiba)

“Na internet, quando eu quero saber de alguma coisa, eu não vou no senso comum, eu procuro algum técnico, alguma pessoa que é profissional da saúde, um químico, um farmacêutico que conhece o produto, a substância, sabe quais as substâncias, o que contém naquele produto.” (Grupo adultos, Curitiba)

Em vários momentos os usuários trouxeram relatos de conteúdos encontrados nessa pesquisa que servem como referência para justificativa positiva do consumo de DEFs. São conteúdos que ficam na memória dos usuários e servem para que eles possam, de alguma forma, explicar o que pensam sobre esse consumo:

“Onde que a gente pesquisa essas coisas, é na internet, Google, inclusive tem uma reportagem, eu estava lendo agora há poucos dias, é uma reportagem até antiga, tem uma reportagem na Inglaterra, está 100% liberado o vape, estão fazendo uma campanha na Inglaterra que dentro dos hospitais existem lojas de vape para quem quer parar de fumar, eles estão fazendo incentivo na Inglaterra para quem quer parar de fumar, você vai no hospital, você diz que quer parar de fumar

e eles te dão incentivo, te dão cigarro eletrônico, o vape.” (Grupo adultos, Teresina)

“Daí comecei a mascar tabaco com meus amigos e tal, e ela falava para com esse troço, aí comecei com o vape, aí fui pesquisar no Google, YouTube, até lembro de um vídeo que eu assisti que o cara fez um teste, pegou um tubo de vidro e colocou ali uma bomba da sucção com o cigarro convencional e simulando um algodão como pulmão, depois ele exprimia o algodão e saía aquele líquido preto, depois o cara ficava ali na mesma quantidade equivalente com o vape, exprimia e ficava branquinho o algodão, mas enfim, a conclusão que eu cheguei é que qualquer forma que você vai administrar a nicotina para dentro do seu corpo é prejudicial de qualquer forma.” (Grupo jovens, Curitiba)

Ademais, essa busca de informações também parece resultar em uma definição por parte dos usuários acerca do consumo dos DEFs. Em alguns casos são resoluções que definem o *vape* como a “categoria salvadora” do vício do cigarro tradicional, em outras são decisões que deixam o consumidor um pouco mais alerta aos possíveis malefícios desse consumo:

“Nas primeiras vezes que eu utilizei eu pesquisei na internet, fiquei assustada com o resultado de você usar o pod, que era uma certa quantidade de carteira de cigarros, muito assustada, mas mesmo assim continuei utilizando. Aí veio o medo, a questão de você que pesquisa e ver que alguns casos já ocorreram de dar nódulo no pulmão, por isso que hoje eu sou a mãezona chata do rolê.” (Grupo adultos, Porto Velho)

“O meu objetivo era a redução de danos, eu fumava cigarro e me sentia cansado, indisposto e eu passei a pesquisar, sempre fui muito curioso, sempre gostei muito de tecnologia, e tem até cadastro em sites que me dão notícia de coisas novas, sobre qualquer objeto que facilita a vida, apareceu o cigarro eletrônico na internet e eu comecei a pesquisar, fiquei meses, me interessei, pesquisei muito, quis saber tudo antes de

ter um, para não ter erro. E falei, isso aqui vai me ajudar, eu vou conseguir parar de fumar com isso, minha saúde vai melhorar, tem estudo, fui atrás de pesquisas nas quais dizem que o cigarro eletrônico é 95% menos prejudicial do que o cigarro convencional, e eu também estava de saco do cigarro.” (Grupo adultos, Curitiba)

“Eu fiz a pesquisa no Google e a princípio me disse lá que os malefícios do que tange em relação ao cigarro convencional é muito grande, mas não esquentei muito porque eu já queria migrar para exaurir definitivamente o cigarro convencional. E segundo o Google, nessa pesquisa lá, isso aqui da AVC, dá infarto e eu sou hipertenso. Eu esqueci isso aí e estou fumando porque a ideia era deixar o cigarro definitivamente e eu acredito que se eu conseguir deixar o cigarro convencional definitivamente, com certeza vai ficar mais fácil esse vape.” (Grupo adultos, Teresina)

Por fim, os usuários destacaram em alguns momentos que o processo de busca na internet sobre o *vape*, nem sempre é completo e gerador de resultados esclarecedores. Também há, no uso do Google, relatos de desencontro de informações e até mesmo falta delas, como exemplificam os trechos a seguir:

“Eu busquei no Google. Toda a informação que eu busco eu tento não buscar o que está favorecendo o produto, no site do fabricante provavelmente está favorecendo alguma informação, então eu tento buscar informações de pessoas que já utilizaram, informação de algum órgão regulamentador disso, que aí eu acho que vai estar descrito melhor e mais imparcial ... Depende, do vape exatamente não encontrei nada [sobre órgão regulamentador], eu fui mais mesmo por comentários de pessoas e o fato da nicotina, eu busquei saber sobre a nicotina e não sobre o vape. O vape em si, a utilização dele, não encontrei nada técnico, muito relevante, então eu acabei procurando de outras formas.” (Grupo jovens, Curitiba)

“Eu confesso que o vape me despertou essa curiosidade, vendo a pessoa comentando, tem gostinho, tem isso, tem nicotina, e a mesma história, vai ajudar a diminuir o cigarro senão parar, mas colocando no Google, primeiro canal de pesquisa, você joga no Google e ou aparece o review da galera, do pessoal que consome, e aí está indicando quais são os melhores aparelhos, as melhores essências, a quantidade, o que tem nessas essências, e ao ver os contrapontos são muito extremos, até porque o vape não é legalizado, não tem uso comercial de você poder vender nas lojas e isso que eu acho até um pouco contraditório porque tem na loja, mas não pode trazer para o Brasil, então essa questão de regulamentação e tudo mais, essas notícias. Ou até o review do pessoal que usa, indicando aparelhos e tudo mais, e de contraponto o que faz mal.” (Grupo jovens, Curitiba)

Espaço de Disseminação de Fake News sobre os DEFs

Apesar do tema *Fake News* não fazer parte do roteiro dos grupos focais, alguns usuários relataram a existência de conteúdos, denominados por eles de *Fake News*, repassados principalmente através do WhatsApp e por pessoas próximas, como pais e amigos, que apresentavam pontos acerca dos possíveis malefícios ao consumir DEFs. Entretanto, esse tipo de conteúdo parece não ser considerado confiável por parte dos usuários.

“O pessoal comenta que faz mal a saúde mais que o cigarro convencional. Mas você vê muitas coisas positivas, negativas, fake News no Facebook por fumar narguilé ou cigarro eletrônico. Mas querem incentivar o pessoal a parar de fumar.” (Grupo adultos, São Paulo)

“Teve bastante fake News pra tentar diminuir o consumo, a sua avó e seu pai passam isso no Whatsapp, porque aqui é muito grande o consumo dos fumadores, o vape, o pod e o narguilé, então eles tentaram dar uma abatida, pra diminuir.” (Grupo jovens, Campo Grande)

Esse ponto do conteúdo que visa negativar o consumo dos DEFs nas redes sociais foi apontado por um dos usuários como uma estratégia da indústria de tabaco para impedir a comercialização do *vape*. Na visão desse usuário, a indústria tabagista patrocinaria páginas no Instagram para publicação de conteúdo visando negativar o consumo do *vape* e reforçar positivamente o consumo do cigarro tradicional:

*“Não é toa que eles estão usando marketing para caramba para tentar derrubar o *vape* e não ser comercializado, eles estão patrocinando e usando tudo o que é página grande para falar que o *vape* é prejudicial, quando eu olho nas minhas redes sociais chega a me dar um nojo porque eu vejo tanta página falando mal do *vape*, tudo isso é influência do tabaco, o pessoal do tabaco que não quer perder, não sei se é Vera Cruz, Souza Cruz, que produz, vai impactar 100% no bolso deles, não é à toa que eles estão gastando horrores com marketing para ver se queima o *vape* e o pessoal que usa o *vape*, dizendo que é muito prejudicial, que é pior do que cigarro.”* (Grupo jovens, Teresina)

Informação, Referência e Influência

As redes sociais, principalmente o Instagram e o YouTube, possibilitam que as pessoas interessadas e os usuários de DEFs encontrem figuras que possam servir como referências sobre o consumo de DEFs. Essas figuras são influenciadores digitais que tem como foco de seu conteúdo o consumo de *vape*. Ao compartilharem experiências, opiniões e até mesmo reportagens e estudos que encontram sobre o *vape*, os influenciadores digitais acabam se tornando uma espécie de “gurus” para o usuário, em busca de referências e informações que legitimem seu consumo.

*“Tem um cara que conheci pelo Instagram, conversei com ele pelo Instagram e assisto muito os vídeos dele, tu procura no YouTube, Vapers Brazil, é o Luiz Otavio, o cara é gente finíssima, o cara é entendedor nato do assunto, tem mais de 10 anos que ele já trabalha com *vape*. Não é que ele vende, ele fala, ele tem um canal no YouTube*

que ele explica tudo, ele é patrocinado por várias empresas e ele fala muito, ele entende demais, eu comecei a pegar muita dica com ele e se você falar com ele no Instagram, ele até responde, às vezes eu falo com ele e ele responde, ele é um cara gente finíssima, muito bacana, vale a pena conferir as coisas dele ... Ele é patrocinado, ele recebe muito produto para fazer review, então uma fábrica na China, por exemplo, manda um produto para ele, ele faz um review, algumas lojas no Brasil mandam produto para ele, aí ele fala, recebi esse produto da loja tal, vou falar do produto para vocês, ele morava no Rio inclusive, hoje ele mora no Paraguai porque no Paraguai é liberado, hoje ele está morando no Paraguai e para ele é melhor, hoje ele está satisfeito porque não tem nenhum problema de fiscalização, legalização, ele está trabalhando, ele recebe os produtos dele direto das fábricas que vem da China, EUA, ele faz esses reviews. A questão de patrocínio eu não saberia nem te dizer se é um patrocínio financeiro ou se é mais recebimento de produto, se ele recebe o produto, ele recebe alguma ajuda com isso, ou se ele recebe só o produto, eu não sei como funciona.” (Grupo adultos, Teresina)

O diferencial desses influenciadores parece se encontrar na linguagem utilizada, na percepção de autenticidade e expertise através das inúmeras resenhas de produtos recebidos, e na proximidade que os seguidores sentem no sentido da possibilidade de interação com essas figuras de referência. Além de servirem como fonte de informações, os influenciadores digitais de vape tem seus discursos reproduzidos pelos usuários considerados entusiastas da categoria, como forma de compartilhamento do conhecimento e também como estratégia de assumir o papel de expert perante os outros participantes do grupo focal:

“Eu acho que muda até pela questão do imposto [em caso de liberação da comercialização], ela [outra participante] está certa, você compra um produto de fora, é um produto que não tem imposto dentro do Brasil, você sabe que um dos impostos mais caros do mundo é o Brasil, então eu acredito que ele vai entrar com a mesma linha de tabagismo com cigarro, eu acredito que vai encarecer, inclusive vou fazer mais

uma vez a propaganda desse YouTuber, Vapers Brazil, ele fez um vídeo falando justamente disso, se ia melhorar ou piorar, na verdade o produto vai ficar mais caro, vai encarecer mais, se for tudo feito no Brasil, lógico que eles vão dar um incentivo para fábricas de fora virem para o Brasil, porém vai encarecer porque vai ter um imposto, vai ter uma taxa bem maior e ela vai ser taxada como um produto de tabagismo, então ele explicou bem essa questão falando da questão do imposto, o imposto hoje de tabaco é bem alto, então provavelmente um líquido que você compra hoje de 100 reais você estaria comprando a 180, 200 reais quando ele for legalizado pelos órgãos do Brasil.”
(Grupo adultos, Teresina)

Quando perguntados sobre onde procuram informações, os usuários em alguns momentos indicaram influenciadores digitais que consideram boas fontes de pesquisa. O nível de conhecimento técnico apresentado, a relação com a categoria, e o posicionamento do influenciador perante esse consumo, parecem ser fatores considerados pelos usuários na hora de fazerem essa indicação de referência para o restante do grupo.

“Tem um site, Vaporaqui, que é de um influencer, ele até fez uma associação esses dias que se chama Diretas Já, que tem muitos estudos e muitos parceiros técnicos e profissionais que trazem pesquisas medicinais, pesquisas sobre substâncias.” (Grupo adultos, Curitiba)

“Tem uma farmacêutica então ela conhece muito as substâncias, é Luiza Vianna ou Vienna, com dois N. Ela tem no Instagram e YouTube, canal Vapore, e tem no Instagram e YouTube também, Mariano Vaper. São ótimas fontes de pesquisa.” (Grupo adultos, Curitiba)

Espaço de Comercialização

Em vários momentos, internet e redes sociais foram mencionados pelos usuários também como espaços de comercialização. De um lado, temos a menção a uma série de sites onde, de acordo com os usuários, é fácil o acesso ao *vape*. A compra é tão fácil,

através dessas páginas, que a questão da proibição da comercialização no Brasil, não conhecida pela maioria dos entrevistados, gera espanto nos usuários. Além disso, os sites também são vistos como locais mais confiáveis para a compra, em comparação a uma tabacaria, por exemplo. Outra possibilidade é da revenda através de páginas na internet que comercializam o produto.

“O meu pod é o coco, eu troco só a resistência que é onde queima, ele dura em média 15 dias, de 10 a 15 dias e dá pra puxar umas mil puxadas, uns mil pufs. Eu compro de um amigo que vende, ele pede pela internet e revende e pra dar uma força eu compro dele.” (I. – Grupo jovens, Porto Velho)

“Eu compro em site, só em site, não compro em tabacaria porque até me espantei escutando a C. (outra participante do grupo) falando que na tabacaria eles esclarecem bem, porque na tabacaria eles nem fazem ideias, todas as tabacarias que eu fui, eles nem fazem ideia do que eles vendem, é objetivo totalmente comercial, eles não estão nem aí se você vai comprar um charuto ou um líquido, é vender, eles não fazem ideia.” (Grupo adultos, Curitiba)

“Tem até na internet, você não tem nem o trabalho de ir lá buscar, hoje em dia é muito mais fácil. Quando eu vejo que está acabando e não quero ir, eu peço pra entregar, tem o contato, eu peço e a pessoa entrega, no serviço ou em casa.” (Grupo adultos, Campo Grande)

“E você consegue comprar pela internet, o cara te entrega dentro de casa, qual a lógica da proibição? [da comercialização] Seja Mercado Livre, Shopee. Eu tenho um amigo que comprou pela Shopee e entregou em casa. Pode pra uns e pra os outros não?” (Grupo adultos, Campo Grande)

“É uma surpresa pra mim que é proibido, porque até os sites das marcas são super ativos nas redes sociais, no Google, nos Market Place de conceito, até na Americanas você acha o aparelho lá. Eles

proibiram, mas precisam trabalhar a fiscalização.” (Grupo adultos, Campo Grande)

No entanto, apesar de grande parte dos usuários se espantarem com a questão da proibição da comercialização, outros explicam que esses sites criam estratégias para tentar facilitar a entrada do produto no Brasil. O baixo preço é um dos atrativos mencionados para a escolha do consumidor pela utilização desses veículos de compra.

“Eu tento importar no Ali Express e eles não enviam o vape inteiro. Eles enviam, quando chega aqui a Receita Federal prende por lá. Eu consegui comprar bobinas que queimam e você tem que trocar, eu comprei bem barato, aqui é 60 reais e comprei 5 por 10 reais e pago o frete e sai bem barato, mas o aparelho algumas lojas que são cadastradas lá não mandam mais pra cá, que a receita Federal segura lá. A não ser que façam manobras que pode vir.” (Grupo adultos, Porto Velho)

No caso das redes sociais, os usuários apontam que a comercialização é bastante comum nessas plataformas. Até por essa percepção de facilidade de compra, eles se sentem espantados com a questão da proibição da comercialização no Brasil. Um ponto de destaque é que enquanto plataformas como o Instagram permitem que os usuários se conectem diretamente aos locais de compra, plataformas como Facebook e WhatsApp permitem que os usuários se conectem a outros consumidores para comprar e tirar dúvidas sobre o produto.

“Muda a questão da transação comercial, o comércio está a vapor já, a venda está em qualquer Instagram ou WhatsApp o pessoal está vendendo, então só a questão comercial.” (Grupo adultos, Teresina)

“Aqui na nossa cidade é muito próximo, são 3 horas [cidade de Ponta Porã] a gente vai e volta lá, tem muitos vendedores que vão lá e compram bastante e fazem a entrega muito fácil, aqui tem os grupos da cidade no Facebook, alguém vendendo a essência x, a pessoa entra

em contato e você pede, bem rápido e bem cômodo.” (Grupo adultos, Campo Grande)

Ferramenta de Descoberta da Categoria

Redes sociais e Google também apareceram como ferramentas que possibilitaram ao usuário a descoberta da categoria DEFs. Seja através de vídeos no YouTube ou reportagens disponibilizadas no meio digital, os usuários descobriram o produto *vape* e ficaram curiosos com as promessas em torno desse novo produto. A partir disso, começaram um processo de pesquisa até decidirem pelo início do consumo.

“Eu pesquiso tudo na internet, o primeiro contato que eu tive, a primeira vez que ouvi falar em cigarro eletrônico, eu vi em sites de notícia, sites de gerais, G1 por exemplo, que começaram a divulgar a chegada do cigarro eletrônico no Brasil, SuperInteressante, revista Exame, então foi o primeiro contato que eu tive e depois eu parei para pesquisar e aí comecei a pesquisar no Google a questão dos malefícios.” (Grupo adultos, Teresina)

“De onde veio a ideia do pod?

Vídeo na internet, todo mundo usando, amigos usando falando que largou o cigarro por causa do pod, isso pra mim foi 2 dias que eu larguei o cigarro. Internet é YouTube, rede social que dá curiosidade, eu tinha 20 anos já fumava há 2 anos comecei com 18 anos.” (Grupo jovens, São Paulo)

Espaço de Socialização da Comunidade DEFs

Um ponto interessante que apareceu, foi como as redes sociais atuam na formação de um espaço de socialização para os membros da comunidade DEFs. Esse espaço de socialização aparece como forma de conectar principalmente usuários, influenciadores, produtos e marcas. Além disso, também funciona como uma forma de empoderamento do consumidor. Ele considera que através desse espaço consegue se informar melhor acerca de seu consumo, e conseqüentemente, se torna um expert

capaz de questionar e direcionar outros usuários menos experientes dentro do consumo dos DEFs. As *lives* apareceram como formato principal para a socialização da comunidade DEFs.

“E já um motivo para você conhecer a pessoa, que vape você está usando, que marca que é, que juice que você usa, o juice a gente escolhe, a nicotina a gente escolhe, o sabor, então já é um motivo para você fazer uma amizade, duas pessoas estão fumando ali fora, vão trocar uma ideia ali, mas parece que o vape dá muita história, papo para você trocar. Porque o cigarro, a pessoa está fumando cigarro, qual é seu cigarro, Marlboro, estou fumando Hollywood, o vape tem muito mais papo para trocar, dá para ficar um tempão trocando uma ideia, faz uma amizade, troca telefone, assisto lives também hoje em dia tem lives, tem streamers que fazem apresentação e falam muito sobre cigarro eletrônico, então a gente troca uma ideia, contato, se fala depois, também já troquei juices, tem gente que ganha, as vezes a gente ganha algum sorteio de juice e acaba recebendo um sabor que não usa e acaba trocando com pessoas, as vezes não tem para trocar e a pessoa te dá, e quando você tem alguma coisa, você recompensa, é bem interessante. (Grupo adultos, Curitiba).”

“Eu pesquiso tanto que, pesquisei tanto que a minha dúvida é, quando a Anvisa vai legalizar o vape, eu participo muito de lives, até o pessoal que quiser participar e tomar muito mais conhecimento, o B. (outro participante do grupo) estava falando que ele tem vontade de usar melhor o vape dele, eu assisto lives e são pessoas que já estão há cerca de 5, 10 anos usando vape, o vape existe já há 12 anos, agora que ele está se popularizando, agora que está sendo acessível comprar, ainda a venda é proibida, é um crime vender vape, mas não é crime usar.”
(Grupo adultos, Curitiba)

De forma geral, a internet e as redes sociais são relatadas pelos usuários como ferramentas que permitem a busca por informação, comercialização, socialização e descoberta da categoria dos DEFs. Os discursos representados nessas plataformas,

muitas vezes apresentados por influenciadores digitais, são reproduzidos pelos consumidores como uma informação confiável e autêntica que permite a legitimação positiva de seu consumo. Apesar de não ter sido ponto focal do roteiro usado nos grupos focais, tanto a internet quanto as redes sociais foram mencionadas pelos usuários como ferramentas auxiliaadoras ao mergulho na categoria ajudando a formar consumidores mais experts em torno do assunto. No entanto, a questão da busca por informações aparece como um ponto de atenção uma vez que os consumidores não sabem bem quais seriam as fontes mais confiáveis acerca dos DEFs e, por isso, acabam reproduzindo discursos de quem consideram como especialistas no tema, como os influenciadores digitais.

V Percepção dos informantes sobre as questões regulatórias

Os usuários de DEFs com os quais conversamos desconhecem, salvo raríssimas exceções, o fato de sua comercialização ser proibida no Brasil. Para este público, a compra de DEFs é tão naturalizada como seu consumo, não havendo distinção em termos da legalização de ambas as práticas.

Tal aprendizado pode ser apreendido a partir tanto de declarações explícitas, como a partir de algumas “pistas” observadas durante os grupos de discussão e na própria fase de recrutamento dos informantes.

1. No tocante às declarações explícitas

- a. Na fase espontânea das discussões, ou seja, no longo período inicial que antecedia o momento em que a moderadora estimulava a questão sobre a venda dos DEFs ser ou não liberada no Brasil, nenhum participante fazia qualquer menção a algum tipo de ilegalidade em torno destes dispositivos.

O único “senão” apontado nesta fase espontânea, de forma localizada nas praças de Teresina e Porto Velho, surgiu entre alguns entrevistados mais jovens e refere-se a um certo preconceito direcionado aos DEFs e a seus consumidores, em especial por parte de pessoas com mais idade (ex: pais

de amigos e seus próprios familiares). Segundo nossos entrevistados, a origem de tal preconceito é reflexo do desconhecimento deste artefato, sendo associado a um novo tipo de droga:

“Quando eu comecei a usar vape aqui em Teresina, o pessoal se assustava porque não conhecia, eu comecei já faz muito tempo e eu comecei a deixar de usar (em certos lugares) porque as pessoas se assustavam e começavam a falar é droga e não sei o quê, cidade pequena, o povo fala...” (Grupo jovens, Teresina)

“Não acho que seja para usar em qualquer lugar, porque tem lugar que eu prefiro não usar, porque por mais que eu sei que é uma droga liberada e lícita, eu sei que tem gente que olha torto. Eu pergunto à pessoa se eu posso levar, porque se ficam olhando torto você se sente mal...” (Grupo jovens, Porto Velho)

- b. Na fase estimulada das discussões, ou seja, quando a moderadora questionava diretamente sobre o fato da venda dos DEFs não ser permitida legalmente no país, havia duas reações iniciais: em primeiro lugar, um grande estranhamento inicial a esta informação (conforme será relatado no tópico “pistas observadas”); e, na sequência, a maioria dos participantes contestava a “novidade” sob o principal argumento de não encontrar dificuldades para adquirir seus dispositivos e/ou essências, afinal, estão disponíveis em “todos os lugares”.

“Nunca ouvi falar sobre isso...Como pode se todo lugar se acha?...Na minha cabeça nunca passou isso, todo mundo compra...Então é a famosa vista grossa porque está tudo liberado sem ser liberado...” (vários depoimentos)

Segundo eles, é possível encontrar seus DEFs em pontos de venda que acreditam, por si só, pressupor legalidade, como tabacarias, lojas de shopping, lojas de conveniência em postos de gasolina, mas também em sites diversos (ex: Shopee, Mercado Livre, Americanas), feiras livres e em baladas que frequentam.

Em Campo Grande, a especificidade de ser muito comum a compra de DEFs em Ponta Porã (cidade fronteira com o Paraguai). Uma prática que não pareceu relacionar-se a qualquer tentativa de burlar a ilegalidade da comercialização no Brasil, mas sim aos melhores preços (e eventualmente maior variedade de opções) obtidos com artigos “importados” desta região. Se houver problemas, o mais provável é que seja por ultrapassar a cota permitida – e não por conta do tipo de artefato.

“Pelo que comentam, qualquer lugar você acha, dentro do shopping tem para vender cigarro eletrônico, narguilé, vape, se está lá é porque é liberado, eles não vão se arriscar vendendo algo proibido em ambiente bem frequentado.” (Grupo adultos, São Paulo)

“Eu vendia normalmente na tabacaria, não sei se é permitido ou não, mas sempre foi vendido normal, já vendi para policial até, nunca deu problema.” (Grupo jovens, Curitiba)

“Só pode ser permitido, vende em sites populares na internet, tem em tudo que é tabacaria.” (Grupo adultos, Teresina)

“E você consegue comprar pela internet, o cara te entrega dentro de casa, qual a lógica da proibição? Seja Mercado Livre, Shopee..É uma surpresa pra mim que é proibido, porque até os sites das marcas são super ativos nas redes sociais, no Google, nos Market Place de conceito, até na Americanas você acha o aparelho lá..” (Grupo jovens, Campo Grande)

“Nunca vi proibição, eu trabalho com lei e entendo bastante e nunca vi proibido, não sei se tem. Por exemplo, se você tem uma irmã menor que

for comprar em algum lugar, tem uma loja que vende, ela sendo menor compra, eu entendo como ilegal, que não pode vender pra menor de idade, mas não tem nada que proíba a venda em si.” (Grupo adultos, Porto Velho)

“Tem ponto de venda até em festa, vape, essência, pod. Na balada é como comprar cerveja.” (Grupo jovens, Porto Velhos)

Um ponto que deve ser destacado refere-se ao recorte de nossa amostra (usuários de DEFs) e o quanto isto pode afetar a percepção de venda de DEFs em “todos os lugares”. Há de se considerar que este público já detém uma percepção seletiva em relação ao produto, ou seja, muito provavelmente “o enxerga mais” nos pontos de venda do que um não usuário. Além disso, o próprio hábito do consumo e a necessidade de alimentá-lo os conduz ao conhecimento dos locais onde podem comprar de forma mais rápida e fácil seus dispositivos e/ou essências. Ainda que este seja um aspecto que deva ser relevado quando da leitura de que os DEFs estão disponíveis “em todos os lugares”, não podemos desconsiderar como ponto de atenção o fato de nenhum de nossos entrevistados ter se queixado acerca de alguma dificuldade para comprar o seu dispositivo eletrônico para fumar. Em outras palavras: os DEFs podem não estar de fato “em todos os lugares”, mas estão nos lugares por onde estes usuários circulam.

- c. Entre a minoria que não questionava de forma mais veemente ou assertiva a informação sobre a ilegalidade na venda dos DEFs em território brasileiro, encontramos basicamente os seguintes perfis: (a) os que admitiram, em algum momento, já ter desconfiado ou ouvido algo sobre a legislação em torno dos *vapes*, mas sem terem dado muito atenção; (b) os que tentaram relativizar a “nova informação” recebida levantando hipóteses de que a proibição se aplica à venda para menores e/ou em lugares não autorizados e de menor confiabilidade, como camelôs, por exemplo; (c) e, por último, os que

fizeram uma rápida busca no Google para confirmar o que estava sendo dito pela moderadora.

“Tento comprar pela Ali Express e eles não enviam o vape inteiro, quando enviam, a Receita Federal prende por lá” (Grupo adultos, Porto Velho)

“Já desconfiei porque tenho amigos que vendem e fazem manutenção de vape e não fazem propaganda, a loja não tem fachada.” (Grupo adultos, Porto Velho)

“Já tive a impressão de que o vape fica mais escondido na tabacaria, não fica tão a mostra, mas nunca tive problema para achar ou para comprar” (Grupo jovens, Curitiba)

“Aqui é igual comprar cerveja, tem cara de 18 anos pode levar. Vende em qualquer lugar, é fácil comprar e você pode usar em qualquer lugar, é mais a idade na hora de comprar, se não tiver 18 você não compra.” (Grupo jovens, Campo Grande)

“Geralmente é permitida, a não ser quem é de menor, geralmente pedem a identidade e hoje é bem comum, quase todas as pessoas têm pelo menos o pod. O pod pedem identidade pra vender. Permitido desde que seja maior de 18 anos.” (Grupo jovens, Campo Grande)

“No meu aparelho e na essência aparece que é proibido a venda para menores de 18 anos ou 21 anos, não lembro direito.” (São Paulo, mais velhos)

“Acho que pode comprar os que são vendidos em tabacarias e lojas que têm autorização para vender, estes devem ter os cigarros eletrônicos mais confiáveis; o descartável, que vende em camelô, de repente não é liberado, nem sei se pode ser chamado de cigarro eletrônico.” (Grupo adultos, Teresina)

“Eu joguei aqui no Google. Diz que fica proibida a comercialização, importação e propaganda de quaisquer

*dispositivos eletrônicos para fumar, aí cita aqui todos os tipos, mas acho que entra naquela coisa: pode trazer a mercadoria contrabandeada do Paraguai, acho que entrou nessa categoria, **pode mas não pode**. Mas na verdade, não pode.”* (Grupo jovens, Curitiba)

“Eu sei que não é liberado pela Anvisa ainda, mas não via essa ilegalidade em si, não é como aquela coisa de ir comprar um baseado e tem que estar escondido, não é coisa de drogado não, a gente vê em posto de gasolina, vê em tabacaria, nas tabacarias em que eu via era muito visível, não é nada escondido, então não sei até que ponto é essa ilegalidade.” (Grupo adultos, Curitiba)

Em comum a todos estes participantes foi a classificação dos DEFs, de forma muito natural, como um produto que “*não é então 100% liberado*”, “*não é nem legalizado e nem ilegal totalmente*”, “*é aquele proibido entre aspas*”. Classificações muito em linha com traços da cultura brasileira de estabelecer gradações entre o que é certo/pode e o que é errado/não pode. As regras e leis só existem “quando pegam” e há subterfúgios e licenças poéticas entre o que é considerado dentro e fora da lei.

2. No tocante às “pistas” observadas:

- a. O processo de recrutamento e seleção dos participantes deve ser interpretado como um primeiro sinalizador de não haver maiores preocupações, em relação a qualquer ilegalidade na venda dos DEFs. As equipes de campo não tiveram dificuldade em encontrar usuários e estes descreviam de forma muito natural seu consumo e compra. Em paralelo, visitou-se alguns pontos de venda (ex: tabacarias) para entender um pouco o tipo de comprador que adquire *vapes* e *Pods*. O que recorrentemente ouviam dos vendedores (em todas as praças, mas sobretudo Teresina, Porto Velho e Campo Grande) era a realidade de venderem muito mais para pessoas de faixa etária mais jovem do

que mais velhas. De fato, usuários acima de 40 anos foram muito mais difíceis de encontrar e recrutar em todas as praças.

- b. Durante os primeiros grupos de discussão identificou-se a necessidade de ajustar a formulação da pergunta sobre a ilegalidade da venda dos DEFs. No roteiro original, a pergunta estava prevista para ser feita da seguinte forma: ***“Se a venda dos DEFs fosse liberada, mudaria alguma coisa para vocês? E para os consumidores que ainda não conhecem o produto?”***. No entanto, esta pergunta já partia da premissa de que todos os usuários entrevistados teriam conhecimento acerca da não legalidade da comercialização dos dispositivos, o que, conforme vimos, não era verdade. Neste contexto, a tendência geral era os participantes nem entenderem a pergunta e, conseqüentemente, ficarem perdidos em suas respostas.

Como a metodologia de pesquisa qualitativa permite ajustes no instrumento de coleta de dados de acordo com a realidade encontrada no campo, foi possível aprimorar a forma de abordagem deste mesmo assunto, quebrando a pergunta em etapas. Assim, primeiro perguntava-se se eles sabiam se a venda de DEFs era legalizada ou não. Demoravam um pouco para responder, como se estivessem processando uma pergunta fora de seu repertório ou referencial. Após as respostas (normalmente na direção de que a comercialização é legalizada, “pois compram em todo lugar”), a moderadora informava que segundo a legislação brasileira o uso é permitido, porém a venda não é. Neste momento, a incredulidade e as contra argumentações vinham à tona, conforme já visto anteriormente.

Especulações sobre o impacto da legalização da venda dos DEFs

Em um primeiro momento, os usuários participantes de nossa pesquisa acreditam que a legalização da venda dos DEFs não causará, na prática, maiores impactos em seu consumo – afinal, vivem em um cenário em que tudo já lhes parece legalizado.

“Acho que não mudaria nada, qualquer esquina tem tabacaria e hoje vende. Shopping também vende, conveniência de posto de gasolina também vende.” (Grupo adultos, São Paulo)

“Para mim não muda nada. Pois eu mesmo não sabia que era proibido a comercialização, já é tão normal aqui.” (Grupo jovens, Campo Grande)

Após uma discussão mais aprofundada, surgem como possíveis reflexos da liberação do comércio:

- **Aumento de preço** (hipótese mais apontada), pois enxergam a legalização como sinônimo de taxação. Neste caso, dificilmente imaginam que esta seja uma barreira para perpetuarem seu consumo. No máximo, vislumbram a busca por opções que caibam melhor no bolso, mas não o abandono.
- **Novos usuários para a categoria** em função dos investimentos em propaganda e marketing que virão associados à legalização.
- **Guerra declarada e intensa dos fabricantes de cigarro tradicional** em relação aos DEFs, uma vez que a maior arma atualmente, segundo a visão de alguns entrevistados, reside nas *“fake news”* espalhadas pela indústria tabagista.
- **Possível redução do preconceito** existente, em especial por parte de pessoas mais velhas e/ou tradicionais.

“Para mim não mudará nada, porque a gente é refém, sendo caro ou barato, é vício.” (Grupo jovens, São Paulo)

“Tudo que o governo proíbe, é uma oportunidade que ele perde de ganhar dinheiro e lucrar com os impostos, se liberar pode ser que fique caro como ficou o cigarro, com muito imposto, se liberar vai ter imposto muito alto em cima e vai ficar mais caro.” (Grupo adultos, Campo Grande)

“Vou fazer mais uma vez a propaganda desse Youtuber, Vapers Brazil, ele fez um vídeo falando justamente disso, se ia melhorar ou piorar, na

verdade o produto vai ficar mais caro, vai encarecer mais, se for tudo feito no Brasil, lógico que eles vão dar um incentivo para fábricas de fora virem para o Brasil, porém vai encarecer porque vai ter um imposto, vai ter uma taxa bem maior e ela vai ser taxada como um produto de tabagismo, então ele explicou bem essa questão falando da questão do imposto, o imposto hoje de tabaco é bem alto, então provavelmente um líquido que você compra hoje de 100 reais você estaria comprando a 180, 200 reais quando ele for legalizado pelos órgãos do Brasil.” (Grupo adultos, Teresina)

“Com o marketing vai aumentar a divulgação porque muita gente não sabe, minha prima mesmo não conhecia, ela é fumante de narguilé. Quando ela experimentou o meu achou que soltava mais fumaça e não tem cheiro ruim, achou bacana.” (Grupo adultos, São Paulo)

“Vai impactar muito o pessoal do cigarro, principalmente as revendedoras, não é à toa que eles estão usando marketing para caramba para tentar derrubar o vape e não ser comercializado, eles estão patrocinando e usando tudo o que é página grande para falar que o vape é prejudicial, quando eu olho nas minhas redes sociais chega a me dar um nojo porque eu vejo tanta página falando mal do vape, tudo isso é influência do tabaco, o pessoal do tabaco que não quer perder, não sei se é Vera Cruz, Souza Cruz, que produz, vai impactar 100% no bolso deles, não é à toa que eles estão gastando horrores com marketing para ver se queima o vape e o pessoal que usa o vape, dizendo que é muito prejudicial, que é pior do que cigarro.” (Grupo jovens, Teresina)

“Acho que modificaria só na questão da publicidade, porque realmente eu não vi nenhuma propaganda em TV, como é feito da cerveja, seria o único motivo que mudaria pra quem não conhece, porque se você não conhece, não fumo nada, vape, narguilé, nada, não tem porque eu ir numa tabacaria, talvez numa conveniência que você está tomando uma

cerveja e vê o produto e pergunta o que é, pra quem não conhece só a publicidade mesmo.” (Grupo adultos, Campo Grande)

“Depende, se for legalizado, se ia ter propaganda ou não, porque quando é legalizado tem a propaganda, como antigamente que tinha propaganda de cigarro e hoje em dia não pode mais, mas se tivesse propaganda aumentaria bastante o uso, porque sem propaganda já está nessas proporções. Aqui eu fiquei sabendo e casos que tem alunos de escolas particulares que fazem uso de vape dentro de sala de aula, um cenário meio caótico, a galera desde nova fazendo uso, eu não julgo ninguém, porque eu comecei cedo. Mas eu não acho legal.” (Grupo jovens, Porto Velho)

IV Considerações finais

Esta pesquisa demonstrou que existe um grande desconhecimento por parte dos usuários entrevistados, sobre os DEFs. Primeiro quanto à sua legalidade, pois poucos realmente sabiam da atual proibição de comercialização destes produtos no país. Segundo sobre os malefícios que os DEFs podem provocar, chegando ao ponto de alguns participantes dizerem que os DEFs quase não fazem mal à saúde, assim como disseram que por não usarem mais cigarros convencionais e sim DEFs, não se consideram fumantes, passando o entendimento de que não estão sujeitos às doenças já comprovadamente causadas pelo uso destes produtos.

Os entrevistados também mostram uma redução da percepção de riscos sociais, tendo em vista que acreditam na possibilidade de uso dos DEFs, onde não se pode fumar cigarros convencionais, como ambientes fechados, mostrando claramente um desconhecimento de que estão submetidos às mesmas proibições de uso de acordo com a Lei atual. Isso parece acontecer, pois os informantes referem que os DEFs não deixam cheiro desagradável como o cigarro convencional e a variedade de sabores que podem ser escolhidos permite vários tipos de uso, podendo combinar com local, ocasião e tipos bebidas.

Vale ressaltar que entre os adultos que anteriormente consumiam cigarro convencional, os DEFs se apresentam como uma alternativa à pressão sofrida pelos fumantes para que deixassem de fumar, o que pode ser mais uma consequência negativa do uso dos DEFs, pois estes fumantes desistem de fumar cigarros convencionais e passam a utilizar os DEFs, permanecendo expostos a muitos riscos para saúde.

Todos estes pontos citados acima apontam que essa nova categoria de produto parece realizar uma “faxina simbólica” no tabagismo, promovendo-os DEFs a um patamar antes ocupado pelos cigarros convencionais – de um consumo prazeroso, sensual, socializante e em certa medida glamouroso, sem os inconvenientes usualmente associados ao fumo, levando a uma redução da percepção de risco, tanto nos aspectos relacionados à saúde quanto aos riscos sociais.

Um ponto de grande importância ainda a ser adicionado, foi a dificuldade de mensurar o consumo e avaliar o que seria o consumo excessivo, por este motivo, tanto individual quanto coletivamente parece ser difícil estabelecer uma medida do que seria o consumo excessivo. É interessante notar que diversos entrevistados demonstram que essa “régua” é facilmente estabelecida para o cigarro convencional, mas muito ambígua quando se trata dos DEFs.

Os mecanismos de *flow*, que fazem com que o consumidor perca a noção do seu consumo e tenham dificuldade de controlar o quanto usa no seu dia a dia parece ocorrer pois não há nos DEFs uma unidade de consumo, assim como o consumo de múltiplas essências e modelos ao mesmo tempo, parece dificultar o controle da quantidade e por

fim, a socialização e liberação em espaços antes restritos ao tabagismo, aumenta as possibilidades de uso.

Acerca da comercialização dos DEFs, os participantes afirmaram ser de fácil acesso a compra dos dispositivos, essências e demais itens da categoria no Brasil de forma online ou através dos pontos de venda presenciais como tabacarias, lojas de conveniência em postos de gasolina, distribuidoras e shopping centers. Os participantes destacaram que esses pontos físicos estão presentes massivamente por toda a cidade, nas cinco cidades pesquisadas, apontando para a necessidade de fortalecimento da fiscalização, por parte das Vigilâncias Sanitárias locais.

Um ponto que deve ser destacado refere-se ao recorte de nossa amostra (usuários de DEFs) e o quanto isto pode afetar a percepção de venda de DEFs em “todos os lugares”. Há de se considerar que este público já detém uma percepção seletiva em relação ao produto, ou seja, muito provavelmente “o enxerga mais” nos pontos de venda do que um não usuário. Além disso, o próprio consumo e a necessidade de alimentá-lo, pode conduzi-los ao conhecimento dos locais onde podem comprar de forma mais rápida e fácil seus dispositivos e/ou essências.

A internet além de propiciar a compra destes produtos, se configura como espaço que permite a iniciação e promulgação do consumo dos DEFs, principalmente o Instagram e o YouTube, que possibilitam que pessoas interessadas e usuários de DEFs encontrem os influenciadores digitais, cujo conteúdo é prioritariamente a promoção do consumo de DEFs.

Sobre uma hipotética liberação do comércio dos DEFs, os entrevistados citam que potencialmente deve ocorrer o aumento de preço, uma guerra declarada e intensa dos fabricantes de cigarro tradicional, uma possível redução do preconceito existente aos usuários de DEFs, assim como novos usuários para a categoria. As duas últimas consequências só vêm a corroborar a necessidade de manutenção da proibição da comercialização dos DEFs no Brasil, reforçada pela notória falta de conhecimento dos malefícios destes produtos e o que denominamos de “faxina simbólica”, onde os DEFs parecem surgir como uma alternativa segura ao cigarro convencional, fato este que a ciência comprovadamente já contrapôs.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Akre, C., & Suris, J. C. (2017). **Adolescents and young adults' perceptions of electronic cigarettes as a gateway to smoking: a qualitative study in Switzerland**. *Health Education Research*, 32(5), 448-454.
- Antin, T. M., Hunt, G., Kaner, E., & Lipperman-Kreda, S. (2019). **Youth perspectives on concurrent smoking and vaping: Implications for tobacco control**. *International Journal of Drug Policy*, 66, 57-63.
- Basáñez, T., Majmundar, A., Cruz, T. B., & Unger, J. B. (2018). Vaping associated with healthy food words: A content analysis of Twitter. *Addictive behaviors reports*, 8, 147-153.
- BELK, R., FISCHER, E., & KOZINETS, R. V. (2013). **Qualitative Consumer & Marketing Research**. London: Sage.
- Camenga, D. R., Fiellin, L. E., Pendergrass, T., Miller, E., Pentz, M. A., & Hieftje, K. (2018). Adolescents' perceptions of flavored tobacco products, including E-cigarettes: A qualitative study to inform FDA tobacco education efforts through videogames. *Addictive behaviors*, 82, 189-194.
- Collins, L., Glasser, A. M., Abudayyeh, H., Pearson, J. L., & Villanti, A. C. (2019). E-cigarette marketing and communication: how e-cigarette companies market e-cigarettes and the public engages with e-cigarette information. *Nicotine and Tobacco Research*, 21(1), 14-24.
- Dawkins, L., Turner, J., Roberts, A., & Soar, K. (2013). 'Vaping' profiles and preferences: an online survey of electronic cigarette users. *Addiction*, 108(6), 1115-1125.
- Donaldson, C. D., Fecho, C. L., Ta, T., Vuong, T. D., Zhang, X., Williams, R. J., ... & Zhu, S. H. (2021). Vaping identity in adolescent e-cigarette users: A comparison of norms, attitudes, and behaviors. *Drug and Alcohol Dependence*, 223, 108712.
- GOODYEAR, M. (1998). O que é a pesquisa qualitativa? In: Colin MacDonald, Phyllis Vangelder (Eds.). **ESOMAR Handbook of Market of Opinion Research**. (4ª ed., Cap. 7, pp. 177-239). Amsterdam: ESOMAR, 1998.

- Hair, E. C., Bennett, M., Sheen, E., Cantrell, J., Briggs, J., Fenn, Z., ... & Vallone, D. (2018). Examining perceptions about IQOS heated tobacco product: consumer studies in Japan and Switzerland. *Tobacco control*, 27(Suppl 1), s70-s73.
- Harrell, P. T., Brandon, T. H., England, K. J., Barnett, T. E., Brockenberry, L. O., Simmons, V. N., & Quinn, G. P. (2019). Vaping expectancies: a qualitative study among young adult nonusers, smokers, vapers, and dual users. *Substance abuse: research and treatment*, 13, 1178221819866210.
- Hernandez, R., Ranjit, Y., & Collins, C. C. (2021). "Can I Hit Our JUUL?": The Norms of Vaping and Dating among Emerging Adults. *Health Communication*, 1-10.
- Huang, J., Kornfield, R., Szczypka, G., & Emery, S. L. (2014). A cross-sectional examination of marketing of electronic cigarettes on Twitter. *Tobacco control*, 23(suppl 3), iii26-iii30.
- Kasson, E., Singh, A. K., Huang, M., Wu, D., & Cavazos-Rehg, P. (2021). Using a mixed methods approach to identify public perception of vaping risks and overall health outcomes on Twitter during the 2019 EVALI outbreak. *International Journal of Medical Informatics*, 155, 104574.
- Laestadius, L. I., Penndorf, K. E., Seidl, M., & Cho, Y. I. (2019). Assessing the appeal of Instagram electronic cigarette refill liquid promotions and warnings among young adults: mixed methods focus group study. *Journal of medical Internet research*, 21(11), e15441.
- Laestadius, L. I., Penndorf, K., Seidl, M., Pokhrel, P., Patrick, R., & Cho, Y. I. (2020). Young Adult Identification and Perception of Hashtag-Based Vaping Claims on Instagram. *Health Education & Behavior*, 47(4), 611-618.
- Lucherini, M., Rooke, C., & Amos, A. (2018). E-cigarettes, vaping and performativity in the context of tobacco denormalisation. *Sociology of Health & Illness*, 40(6), 1037-1052.
- Marković, I. (2021). Vaping like a chimney; skeuomorphic assemblages and post-smoking geographies. *Social & Cultural Geography*, 22(3), 376-402.
- Masson, C. L., Le, T., Hosakote, S., Fokuo, J. K., Gubner, N. R., Shingle, M., & Guydish, J. (2021). Correlates of e-cigarette use for smoking cessation among

- clients in residential substance use disorder treatment. *Addictive Behaviors*, 119, 106947.
- McDonald, E. A., & Ling, P. M. (2015). One of several 'toys' for smoking: young adult experiences with electronic cigarettes in New York City. *Tobacco control*, 24(6), 588-593.
 - McKeganey, N., Barnard, M., & Russell, C. (2018). Vapers and vaping: E-cigarettes users views of vaping and smoking. *Drugs: Education, Prevention and Policy*, 25(1), 13-20.
 - MILES, M. B., HUBERMAN, A. M., & SALDAÑA, J. (2013). *Qualitative data analysis: A methods sourcebook*. SAGE Publications, Incorporated.
 - MURGADO-ARMENTEROS, EVA MARÍA, TORRES-RUIZ, FRANCISCO JOSÉ, & VEGA-ZAMORA, MANUELA. (2012). Differences between Online and Face to Face Focus Groups, Viewed through Two Approaches. **Journal of theoretical and applied electronic commerce research**, 7(2), 73-86.
<https://dx.doi.org/10.4067/S0718-18762012000200008>
 - PRASAD, PUSHKALA (2005) *Crafting Qualitative Research: Working in the Postpositivist Traditions*. Armonk, NY: Sharpe.
 - Popova, L., Fairman, R. T., Akani, B., Dixon, K., & Weaver, S. R. (2021). "Don't do vape, bro!" A qualitative study of youth's and parents' reactions to e-cigarette prevention advertisements. *Addictive Behaviors*, 112, 106565.
 - Robertson, L., Hoek, J., Blank, M. L., Richards, R., Ling, P., & Popova, L. (2019). Dual use of electronic nicotine delivery systems (ENDS) and smoked tobacco: a qualitative analysis. *Tobacco Control*, 28(1), 13-19.
 - Rooke, C., Cunningham-Burley, S., & Amos, A. (2016). Smokers' and ex-smokers' understanding of electronic cigarettes: a qualitative study. *Tobacco Control*, 25(e1), e60-e66.
 - Rubinstein, M.N., & Leão, T. (2021). Arguments used by proponents and opponents in Brazil's regulatory discussions of e-cigarettes and heated tobacco products. *Tobacco Control*, 0(0), 1-6.
 - SALDANA, J. (2009). **An introduction to codes and coding**. The coding manual for qualitative researchers, 1-31.

- SANCHEZ, S., Kaufman, P., Pelletier, H., Baskerville, B., Feng, P., O'Connor, S., ... & Chaiton, M. (2021). Is vaping cessation like smoking cessation? A qualitative study exploring the responses of youth and young adults who vape e-cigarettes. *Addictive Behaviors*, 113, 106687.
- Simmons, V. N., Quinn, G. P., Harrell, P. T., Meltzer, L. R., Correa, J. B., Unrod, M., & Brandon, T. H. (2016). E-cigarette use in adults: a qualitative study of users' perceptions and future use intentions. *Addiction research & theory*, 24(4), 313-321.
- STEWART, D.W. (2018). **Focus groups**. In: Frey, B.B. (ed.) *The SAGE Encyclopedia of Educational Research, Measurement, and Evaluation*, vol. 2, pp. 687–692. Sage Publications, Thousand Oaks.
- Strombotne, K., Buckell, J., & Sindelar, J. L. (2021). Do JUUL and e-cigarette flavours change risk perceptions of adolescents? Evidence from a national survey. *Tobacco Control*, 30(2), 199-205.
- Tompkins, C. N., Burnley, A., McNeill, A., & Hitchman, S. C. (2021). Factors that influence smokers' and ex-smokers' use of IQOS: A qualitative study of IQOS users and ex-users in the UK. *Tobacco control*, 30(1), 16-23.
- Yang, Y., Lindblom, E. N., Salloum, R. G., & Ward, K. D. (2021). Impact of flavours, device, nicotine levels and price on adult e-cigarette users' tobacco and nicotine product choices. *Tobacco Control*, 0(0), 1-8.
- Wadsworth, E., Neale, J., McNeill, A., & Hitchman, S. C. (2016). How and why do smokers start using e-cigarettes? Qualitative study of vapers in London, UK. *International journal of environmental research and public health*, 13(7), 661.
- Wagoner, K. G., Cornacchione, J., Wiseman, K. D., Teal, R., Moracco, K. E., & Sutfin, E. L. (2016). E-cigarettes, hookah pens and vapes: adolescent and young adult perceptions of electronic nicotine delivery systems. *Nicotine & Tobacco Research*, 18(10), 2006-2012.